

CURSO TÉCNICO EM  
MEIO AMBIENTE

CTMA

TRAMAS E  
TESSITURAS

5

SABERES



## MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde  
Departamento de Gestão da Educação na Saúde  
Coordenação Geral de Ações Técnicas em Educação na Saúde

## FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Presidente

*Paulo Ernani Gadelha Vieira*

## ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO

Diretor

*Paulo César de Castro Ribeiro*

Vice-diretor de

Gestão e Desenvolvimento Institucional

*José Orbílio de Souza Abreu*

Vice-diretora de

Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico

*Marcela Pronko*

Vice-diretora de Ensino e Informação

*Páulea Zaquini Monteiro Lima*

Conselho de Política Editorial

*André Vianna Dantas (coordenador)*

*Bianca Côrtes*

*Carla Martins*

*Cátia Corrêa Guimarães*

*Grasiele Nespoli*

*José Roberto Franco Reis*

*José dos Santos Souza*

*Luís Maurício Baldacci*

*Márcia Teixeira*

*Ramon Peña Castro*

*Vânia Cardoso da Motta*

Coordenação do Projeto

LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL  
EM VIGILÂNCIA EM SAÚDE - EPSJV/FIOCRUZ

Cooperação:

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

NÚCLEO TRAMAS (TRABALHO, MEIO AMBIENTE E SAÚDE) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E CAPACITAÇÃO EM AGROECOLOGIA



CTMA

ÊNFASE EM  
SAÚDE AMBIENTAL DAS  
POPULAÇÕES DO CAMPO

# TRAMAS E TESSITURAS

sobre território, trabalho, saúde, ambiente e educação

Nº 5

# SABERES

Lições aprendidas das experiências no Ceará e Paraná

Rio de Janeiro, 2017

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / Fiocruz



Licença Creative Commons atribuição CC BY-NC.  
É permitido copiar e distribuir para uso não comercial,  
sempre citando a fonte.

#### **Texto e organização**

*Lara de Queiroz Viana Braga*  
*Gigi Castro*  
*Eduardo Alvares da Silva Barcelos*  
*André Campos Búrigo*

#### **Animação do processo de sistematização**

*Gigi Castro*

#### **Equipe de Sistematização**

*Adaizi Citron da Silva*  
*André Campos Búrigo*  
*André Luis Monteiro*  
*Bernardo Vaz*  
*Eduardo Alvares da Silva Barcelos*  
*Etel Matiello*  
*Gigi Castro*  
*Lara de Queiroz Viana Braga*  
*Marcelo José Monteiro Ferreira*

#### **Revisão**

*Alexandre Pessoa Dias*  
*Gigi Castro*  
*Mercedes Queiroz Zuliani*

#### **Arte, diagramação e edição**

*Bernardo Vaz | Aicó Culturas*

#### **Ilustrações**

*Anderson Augusto de Souza Pereira*

Catálogo na fonte

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio  
Biblioteca Emília Bustamante

B813s

Braga, Lara de Queiroz Viana

Os saberes / Organizado por Lara de Queiroz Viana Braga, Gigi Castro, Eduardo Alvares da Silva Barcelos e André Campos Búrigo. - Rio de Janeiro: EPSJV, 2017.

72 p. : il. ; - (Coleção Tramas e Tessituras, 5)

ISBN: 978-85-98768-93-9

1. Diálogo de Saberes. 2. Saúde do Campo. 3. Saúde da População Rural. 4. Educação do Campo. 5. Politecnia. 6. Movimentos Sociais. 7. Agroecologia. 8. Reforma Agrária. 9. Agricultura Sustentável. 10. MST. 11. Pedagogia do Movimento Sem Terra. I. Castro, Gigi. II. Barcelos, Eduardo Alvares da Silva. III. Búrigo, André Campos. IV. Título.

370.91734

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / Fiocruz  
Av. Brasil, 4.365  
21040-360 – Manguinhos  
Rio de Janeiro, RJ  
Tel.: (21) 3865-9797  
www.epsjv.fiocruz.br

# SUMÁRIO

## *apresentação*

A PRODUÇÃO DO SABER ..... 07

## *rompendo latifúndios*

SABERES E SENTIDOS ..... 11

## *saber cuidar*

O PAPEL DO CUIDADO ..... 19

## *a juventude do campo*

OS JOVENS E SEUS TERRITÓRIOS ..... 23

## *trans-formação*

GIRO NO MODO DE PENSAR ..... 31

## *álbum de experiências*

CIÊNCIA EM MOVIMENTO ..... 37

CARAVANA DA CHAPADA DO APODI ..... 42

CARAVANA DO OESTE PARANAENSE ..... 51

ESTUDO DE CASO NO COSTA DO CE ..... 55

VER-SUS ..... 60

ESTÁGIO NA ATER ..... 64

TENDA JOSUÉ DE CASTRO ..... 67

DONA MARIA DA ILHA ..... 71

CIRANDA INFANTIL GIRASSOL ..... 73

SÍNTESE ..... 76

RECADOS ..... 78

<b>Coordenação do Projeto</b>	<i>Alexandre Pessoa Dias</i> <i>André Campos Búrigo</i> <i>Eduardo Alvares da Silva Barcelos</i>	
<b>Analistas de Gestão do Projeto</b>	<i>Adriana da Silva Ricão</i> <i>Aline Andréa Pereira</i>	<i>Denise Ribeiro da Costa</i> <i>Patrícia Maria Ferreira da Silva</i>
<b>Coordenação Político Pedagógica da turma Josué de Castro (PR)</b>	<i>Adaizi Citron da Silva</i> <i>Alexandre Pessoa Dias</i> <i>André Campos Búrigo</i> <i>Eduardo Alvares da Silva Barcelos</i>	<i>Elaine Jussara Marchioro</i> <i>Etel Matiello</i> <i>Jaqueline da Luz Ferreira</i> <i>Marcos Antônio Pereira</i>
<b>Coordenação Político Pedagógica da turma Raízes da Terra (CE)</b>	<i>Alexandre Pessoa Dias</i> <i>André Campos Búrigo</i> <i>Clarice Rodrigues</i> <i>Eduardo Alvares da Silva Barcelos</i> <i>Gislei Siqueira</i>	<i>Jaqueline da Luz Ferreira</i> <i>Lara de Queiroz Viana Braga</i> <i>Marcelo José Monteiro Ferreira</i> <i>Rosângela Pereira</i> <i>Rosivaldo dos Santos</i>
<b>Educadores e Educadoras</b>		
<i>Adaizi Citron da Silva</i>	<i>Geraldo Deffune G. de Oliveira</i>	<i>Mario Martins</i>
<i>Alan Tygel</i>	<i>Geraldo Gasparim</i>	<i>Maritânea Andretta Risso</i>
<i>Alexandre Pessoa Dias</i>	<i>Gigi Castro</i>	<i>Mayrá Lobato</i>
<i>Alfredo Benato</i>	<i>Gilvan Santos</i>	<i>Miguel Xavier de Carvalho</i>
<i>Ana Claudia Teixeira</i>	<i>Gislei Siqueira</i>	<i>Natália Martins</i>
<i>Anelise Graciele Rambo</i>	<i>Gladys Miyashiro Miyashiro</i>	<i>Neusa Buffon</i>
<i>André Campos Búrigo</i>	<i>Helionora da Silva Alves</i>	<i>Nilciney Toná</i>
<i>André Luis da Silva Monteiro</i>	<i>Henrique Frota</i>	<i>Olga Estefania Duarte</i>
<i>Andrezza Grazzielli</i>	<i>Henrique Marinho</i>	<i>Paulo Victor Bezerra de Lima</i>
<i>Antônia Ivoneide Melo Silva</i>	<i>Idalice Barbosa</i>	<i>Paulo César Ueti Barasioli</i>
<i>Antônio Escobar de Almeida</i>	<i>Jaqueline da Luz Ferreira</i>	<i>Paulo de Oliveira Perna</i>
<i>Arlene Chaves</i>	<i>José Pereira de Sousa Sobrinho</i>	<i>Priscila Delgado de Carvalho</i>
<i>Armelindo Rosa da Maia</i>	<i>Josimeire Aparecida Leandrini</i>	<i>Raquel Maria Rigotto</i>
<i>Bernadete Bezerra</i>	<i>Julian Perez Cassarino</i>	<i>Rhayane Lourenço</i>
<i>Bernardo Vaz</i>	<i>Juliana Teixeira</i>	<i>Rino Bonvini</i>
<i>Carla Maria Loop</i>	<i>Laldiane de Souza Pinheiro</i>	<i>Rodrigo Azevedo</i>
<i>Carlile Lavor</i>	<i>Lara de Queiroz Viana Braga</i>	<i>Rodrigo das Neves dos Santos</i>
<i>Carlos José Raupp Ramos</i>	<i>Leonardo Pereira Xavier</i>	<i>Rosana Kirsch</i>
<i>Cleusa Maria dos Santos</i>	<i>Leonardo Schramm Feitosa</i>	<i>Rosângela Pereira</i>
<i>Christine Farias Coelho</i>	<i>Ligia Klein</i>	<i>Rosivaldo dos Santos</i>
<i>Debora Villetti Zuck</i>	<i>Lisaldo Maia</i>	<i>Rudison Luiz Ladislau</i>
<i>Dennison de Oliveira</i>	<i>Lúcia Isabel de Araújo</i>	<i>Sadi Gomes de Amorim</i>
<i>Diego Gadelha de Almeida</i>	<i>Luciana Strobel</i>	<i>Sergiano de Lima Araújo</i>
<i>Eduardo Alvares da Silva Barcelos</i>	<i>Luis Alejandro Lasso Gutierrez</i>	<i>Sidnei Apolinário</i>
<i>Elaine Jussara Marchioro</i>	<i>Maisa Servolo Baggio</i>	<i>Tauí Castro</i>
<i>Elemar Cezimbra</i>	<i>Manuela F. C. da Silva Pereira</i>	<i>Teolide Parizotto Turcatel</i>
<i>Elsa Marília Andujar de Oliveira</i>	<i>Marcelo José Monteiro Ferreira</i>	<i>Thiago da Cruz Alves</i>
<i>Elizabeth Guinart Araújo</i>	<i>Marcelo José de Souza e Silva</i>	<i>Ursino da Silva Neto</i>
<i>Etel Matiello</i>	<i>Marco Aurélio Da Ros</i>	<i>Valdemar Arl</i>
<i>Fátima Castro</i>	<i>Marcos Antônio Pereira</i>	<i>Vanessa Calixto</i>
<i>Francis Mary Guimarães Nogueira</i>	<i>Marcos Gehrke</i>	<i>Vanessa Issuzu Miyakawa</i>
<i>Frederico Costa</i>	<i>Maria Idalice Silva Barbosa</i>	<i>Vera Dantas</i>

**PARA MIM, ESTA APROPRIAÇÃO DO CONHECIMENTO** CONTRIBUIU DE FORMA SIGNIFICATIVA PARA A MINHA FORMAÇÃO TÉCNICA E POLÍTICA. NA PARTE TÉCNICA, TIVE AS APRENDIZAGENS NOS TEMAS TRANSVERSAIS QUE O CURSO APRESENTOU E NO CAMPO POLÍTICO, NOVAS POSTURAS E DIÁLOGOS QUE FORTALECERÃO A LUTA DA ARTICULAÇÃO [ANTINUCLEAR], ME COLOCANDO COMO PROTAGONISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO QUE ESTAMOS VIVENDO. SER UM TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE É PODER CONTRIBUIR COM AS LUTAS, É ESTAR SEMPRE PRONTO A EDUCAR A ENTRAR NA BATALHA PARA CONQUISTAR POLÍTICAS PÚBLICAS QUE FAVOREÇAM MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA PARA A COMUNIDADE. SE FAZ NECESSÁRIO ESSE TIPO DE FORMAÇÃO PARA QUE TENHAMOS PESSOAS MILITANTES BEM CAPACITADAS PARA ATUAREM FRENTE ÀS LUTAS QUE SURGEM. **ANTONIO FRANCISCO ALMEIDA DA SILVA** — FAZENDA POÇO DA PEDRA, ITATIRA, CE. TRECHOS DE “CARTA DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.

**SER TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE** É SER UM CONHECEDOR TÉCNICO, MAS TAMBÉM CONHECEDOR POPULAR. É TER CAPACIDADE DE OUVIR E ENTENDER AS RELAÇÕES NAS QUAIS ESTÃO INSERIDOS; É SER CAPAZ DE ANALISAR AS POTENCIALIDADES, AMEAÇAS E DESAFIOS; É ADENTRAR NA HISTÓRIA DAS PESSOAS, CONHECENDO O PASSADO, LUTAS E CONQUISTAS; É TER CAPACIDADE DE FAZER INTERVENÇÕES, ARTICULAÇÕES; É TER VISÃO CLARA DO OBJETIVO QUE A COMUNIDADE QUER ATINGIR; É SER UM ELO DE LIGAÇÃO ENTRE AS PESSOAS E OS PODERES CONSTITUÍDOS; É ESTAR A SERVIÇO; NÃO SÓ DE PESSOAS, MAS DE TODO MEIO AMBIENTE; É SE PREOCUPAR COM A POLÍTICA PARTIDÁRIA QUE ESTÁ DIRETAMENTE LIGADA NAS AÇÕES POSITIVAS OU NEGATIVAS DE USO DAS PESSOAS. NAS COMUNIDADES ONDE TEM UM TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE CAPAZ DE ATUAR, MESMO SEM VÍNCULO EMPREGATÍCIO, MAS COMO TÉCNICO MILITANTE, CONHECEDOR DA TÉCNICA, ISSO REPRESENTARÁ GANHOS ENORMES PARA ESSA COMUNIDADE, PODENDO TER MELHORIAS EM TODOS OS ESPAÇOS, COMO NA AGROECOLOGIA, PRODUZINDO ALIMENTOS SAUDÁVEIS; MELHORANDO O SANEAMENTO ECOLÓGICO — ISSO VAI REFLETIR NA SAÚDE HUMANA E DO MEIO AMBIENTE. **TEREZINHA FÁTIMA DIAS OLIVEIRA SILVEIRA** (TERE) — ASSENTAMENTO CONQUISTA DO HORIZONTE, PASSOS MAIA, SC. TRECHOS DE “CARTAS DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.

# apresentação



*A arte da renda de bilros das mulheres do Assentamento Maceió, município de Itapipoca, CE.*

## A PRODUÇÃO DO SABER

A *Produção de Saber* dentro do *Curso Técnico em Meio Ambiente/CTMA* foi uma tônica. Ou seja, permeou como uma *constante* todo o processo do começo ao fim. E tendo sido um *Curso Técnico* cujos eixos Saúde e Ambiente o tempo todo se articularam e se interconectaram, essa *Produção de Saber* passou, de forma muito consciente, pela compreensão de cada um desses eixos não como um *em si*, mas integrados.

Nesse sentido, compreendemos, quanto à Saúde, que ela não se configura tão somente como *ausência de doença*; e, relativamente ao Ambiente, concordamos com Enrique Leff, em 2008, quando diz que: “*Apreender a complexidade ambiental significa (...) a reapropriação do mundo a partir do ser e no ser, através do poder no saber e da vontade de poder, que é um querer saber*”.

Essas formas de compreensão/apreensão se contrapõem aos modelos de educação baseados, por um lado, no que o educador Paulo Freire chamou de “edu-

cação bancária” e, por outro, dista da concepção de Ambiente que recorre a uma racionalidade econômica (em vigor na atualidade) cuja crise ambiental decorrente reflete os equívocos impostos pelo paradigma científico-positivista — no qual o Ambiente é visto como recurso que se pode manejar ao bel prazer das demandas de mercado, de forma insustentável e... “indefinidamente”.

Porque se, por um lado, a estruturação do pensamento científico surge no contexto sociohistórico do desenvolvimento do capitalismo — onde o poder da razão é sinônimo de “progresso” —, por outro, é o próprio crescimento econômico em voga que evidencia os limites da ciência clássica. A complexidade de certos fenômenos da natureza e da sociedade revela as limitações desse processo — de produção e de conhecimento —, bem como a necessidade de novas formas de apreensão da realidade a partir de um *pensamento interdisciplinar*.

Esse caminho da *interdisciplinaridade*, enquanto prática, torna-se, assim, uma estratégia teórico-metodológica que reconhece os limites do princípio da separação e redução, das leis determinísticas e atemporais do racionalismo hegemônico, bem como evidencia que tem sido o próprio avanço do conhecimento científico que revela a necessidade de outras formas de interpretar o mundo e a si mesmo.

O desafio da *interdisciplinaridade* se encontra essencialmente em “construir territórios do saber, fertilizados pelas luzes multifacetárias que o olhar

ambiental lança sobre a reconstrução do mundo”, como diria Enrique Leff — onde, certamente, o *território* é também uma categoria teórico-prática central de integração curricular.

De modo que o que aqui trazemos é o CTMA sob o *olhar do saber ambiental*. Buscamos sistematizar os caminhos trilhados e as *lições aprendidas*, cuja riqueza das experiências vem do encontro de diferentes práticas pedagógicas: a *Pedagogia de Territorialização em Saúde* do Laboratório de Educação Profissional em Vigilância em Saúde/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (LAVSA/EPJSV), a *Pedagogia do MST* — e os métodos de pesquisa e extensão das universidades: Universidade Federal do Ceará/UFC e Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS.

Nesse contexto, é inegável que o Projeto Político-Pedagógico do CTMA foi construído a partir dos inúmeros desafios e possibilidades inerentes ao processo de construção curricular que qualquer iniciativa dessa natureza enfrenta — sobretudo tendo em conta, mesmo findo o Curso, que este Projeto, enquanto *referência*, ainda se encontra vivo e em transformação. Por isso o que trazemos é uma síntese de práticas, vivências e reflexões de um coletivo de trabalho, movido pelas potencialidades da proposta que se assumiu inteiramente, com suas variáveis incertas de escalas quer espaciais, quer temporais, quer financeiras para sua realização — e que, portanto, ao ser compartilhada, possibilita outros *possíveis* a partir desta sistematização.

Sistematização que, por si só, é um desafio — o qual envolve, como objetivo maior, a criação de um solo em que se geste um novo profissional da Saúde, necessário e estratégico para a promoção da *saúde do campo* e para sua implementação enquanto política pública.

Razão pela qual o Fascículo 5 traduz o que se poderia assim dizer: o CTMA é também *Produção de Saber!* E, como tal, faz-se com as muitas vozes, aqui traduzidas em escrito, daquelas e daqueles que o construíram: primeiramente como sonho, depois como prática refletida, agora como *aprendizados* que, longe de conterem qualquer receita, fazem-se também coletivamente, nos mesmos moldes em que se deu a consecução do próprio CTMA

**OS TÉCNICOS DO CTMA** VÃO TRAZER AOS SETORES DO MST A POSSIBILIDADE DE TRABALHAR COM A INTERSETORIALIDADE. **ADAIZI CITRON** — INTEGRANTE DO MST E DA CPP DA TURMA JOSUÉ DE CASTRO, PR. DEPOIMENTO GRAVADO DURANTE SISTEMATIZAÇÃO DO CTMA, 2014.

**TEMOS DENTRO DO MST UMA DEFINIÇÃO POLÍTICA CALCADA EM SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE BASE AGROECOLÓGICA**, POR ISSO PRECISAMOS FORMAR TÉCNICOS QUE ATENDAM ESSA DEMANDA. POIS OBSERVAMOS QUE OU A GENTE MUDA O JEITO DE PRODUZIR OU A GENTE NÃO FAZ EMBATE DE PROJETO NA SOCIEDADE. ESSA FOI UMA DEMANDA CLARA NO NOSSO ENTENDIMENTO. VINDO DAS JORNADAS DE AGROECOLOGIA, VIMOS QUE PRECISAMOS FORMAR MAIS PESSOAS EM ÁREAS DE ASSENTAMENTO PARA DESENVOLVER O PROJETO QUE CHAMAMOS DE REFORMA AGRÁRIA POPULAR. DESENVOLVENDO A PRODUÇÃO, O CUIDADO COM A NATUREZA, O MEIO AMBIENTE E A SAÚDE. É ESSE PROJETO QUE VAI DETERMINAR TUA VIDA. QUAL O DESAFIO LANÇADO? TERMOS PESSOAS TECNICAMENTE PREPARADAS QUE CONHEÇAM O PROJETO DO MST E A AGROECOLOGIA PRA DESENVOLVIMENTO NOS TERRITÓRIOS. ENTENDENDO QUE O QUE PRODUZIMOS É QUE TRAZ DIVERSIDADE NA PRODUÇÃO E MELHORIA DA SAÚDE. ATÉ ENTÃO, NÃO CONSEGUÍAMOS VISUALIZAR ESSA ÁREA DE TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE, DAÍ A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DAS PARCERIAS, INTEGRANDO O

CONHECIMENTO CIENTÍFICO, O PROJETO POLÍTICO E O FAZER EM UMA REALIDADE CONCRETA. (...) O CTMA PERCORRE TODO O MOVIMENTO. E O MOVIMENTO TANTO CONSEGUE PERCEBER QUE, NA ÚLTIMA REUNIÃO DA DIREÇÃO ESTADUAL DO PARANÁ, FOI FEITO O DEBATE SOBRE A TAREFA DO SETOR DE SAÚDE. E ESSE DEBATE VEM CASAR COM A DISCUSSÃO DA FORMAÇÃO DO CTMA. HÁ, SIM, UM ELO E ABERTURA NO ENTENDIMENTO. ÀS VEZES NÃO FAZEMOS NÃO PORQUE NÃO QUEREMOS, MAS PORQUE NÃO TEMOS CLAREZA. ESSE CURSO AJUDA A DAR A CLAREZA. O CURSO EXTRAPOLOU O ESPAÇO DO CURSO E VAI PARA OUTRO MOMENTO. LEMBRO QUE FAZÍAMOS O DEBATE DO SETOR DE SAÚDE. COMO VAMOS REORGANIZAR O SETOR DE SAÚDE? DAÍ LEMBRAMOS DOS TÉCNICOS DE SAÚDE AMBIENTAL, ENTÃO PRECISAMOS INSERIR-LOS ONDE É NOSSA RESISTÊNCIA NO PARANÁ E ONDE VAMOS CONSTRUIR PR'ALÉM. O CURSO FOI PR'ALÉM DO SETOR DE SAÚDE E VAI PARA O ESPAÇO DE DIREÇÃO, QUEM VAI FAZER A CONDUÇÃO. O CURSO PROPICIA VIABILIZAR PROJETO PARA GARANTIR A FORMAÇÃO POLÍTICA E TÉCNICA DOS EDUCADORES DE SAÚDE, QUE FOI UMA DAS GRANDES CONQUISTAS. ELABORAR UM PROJETO A PARTIR DOS EIXOS TEMÁTICOS DO CURSO. PRECISAMOS INSERIR OS TÉCNICOS QUE TENHAM ESSA COMPREENSÃO EM OUTROS CURSOS. **ELAINE MARCHIORO** (PRETA) — INTEGRANTE DO MST E DA CPP DA TURMA JOSUÉ DE CASTRO, PR. TRECHO DE “CARTA DA CPP AO CTMA” NA SISTEMATIZAÇÃO, 2014



## SABERES E SENTIDOS

Ao longo do Fascículo 5 há uma busca pela compreensão de sentidos. Assim propusemos a escuta daqueles/as que estiveram diretamente envolvidos na construção e condução do CTMA. Segundo o antropólogo Roberto de Oliveira, os atos cognitivos do “olhar, ouvir e escrever”, também chamados faculdades do conhecimento, são inerentes ao processo de construção do saber. Propusemos aos leitores e leitoras a compreensão dos significados das experiências a partir de relatos de vida, narrativas, trechos de entrevistas e produção artística.

Por que, então, uma formação técnica de nível médio em meio ambiente com ênfase em saúde ambiental das populações do campo? Duas cartas de educadores e uma poesia compõem esse capítulo, comunicam os sentidos com uso de diferentes linguagens e respondem à questão.

É aqui no fascículo *Produção de Saber* que o processo de textualização em que insistimos ao longo da sistematização — como etapa de elaboração de matérias-primas — faz-se mais visível ao contemplar uma diversidade de produções textuais no álbum de experiências.



*"Quando conheci a ideia de um curso de saúde para lidar com as questões de saúde ambiental, produção e melhoria da vida no campo, isso parecia fazer muito sentido. Estava no Coletivo Nacional de Saúde do MST, num processo de reconstrução dos princípios, valores e planejamento do Setor, lá pelo final de 2007. Mas algumas inquietudes vinham de antes.*

*No início de 2006 fui trabalhar nas Terras Xakriabá, no Norte de Minas. Fiz ali meu Internato Rural – um semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, que a gente passa trabalhando em algum município, no caso, São João das Missões. Nosso acordo era somar às Equipes de Saúde da Família que trabalham na terra indígena; no meu caso, a base era o Centro de Saúde do Sumaré, uma das 42 aldeias. Éramos uma equipe com estudantes de Medicina, Odontologia e Farmácia.*

*Quando cheguei, os estudantes de Farmácia fazia um levantamento dos medicamentos prescritos para a população. E tomamos um susto com a quantidade de remédios para estômago que estavam saindo para uma das aldeias, chamada Caatinguinha. Fomos conhecer de perto e entender o que estava acontecendo na comunidade. E sua história de escravidão, vivida pelas gerações passadas, trazia muitas respostas. Sofreram um processo violento de 'domesticação' – e nisso, comer apenas uma vez ao dia. E quase toda a tradição de cultivar e se alimentar dos frutos da terra ha-*

*via sido perdida. Os feijões, a mandioca e o milho ainda resistiam, pela força dos mais velhos. E alguma carne que se conseguia de vez em quando. Mas a 'cesta básica' que vinha de fora era o que havia além. E o rito do alimento se resumia a um prato de comida por dia. Nos deparamos com uma situação de fome crônica. E o Centro de Saúde, tratava essa fome com remédios.*

*Voltando no tempo mais um ano, estava no Estágio Interdisciplinar de Vivências de Minas Gerais/EIV-MG, conhecendo pela primeira vez um acampamento Sem Terra e de forma mais profunda a luta por uma Reforma Agrária Popular. Os estudos e trocas sobre a questão agrária, a produção de alimentos, o debate da agricultura camponesa, soberania alimentar foram intensos. E transformaram profundamente meu jeito de olhar para saúde. Não conseguia mais separar das formas de produção da vida. Diante disso, não tinha como pensar a saúde da Caatinguinha separado de como lidavam com a terra, se alimentavam, trabalhavam. E para entender isso, tínhamos que conhecer melhor a história daquele povo. Mas entre as histórias da Caatinguinha e o Centro de Saúde havia um muro. Com uns buracos por onde passavam os remédios.*

*Esse muro não parecia feito por má vontade dos profissionais de saúde, cumpridores de todas as metas do SUS. Suspeitava que tinha a ver com a forma como se pensa e fala da saúde na TV, nos cursos de saúde, onde as ideias que vemos nos tex-*



*tos de Saúde Coletiva é marginal. Parece ter a ver, por exemplo, com o fato do nome “Josué de Castro” ter sido proibido no Brasil pela Ditadura. Algumas suspeitas. O que sei é que não havia uma visão sistêmica dos processos saúde-doença. E fazer relações entre terra e saúde parecia para alguns coisa de extraterrestre.*

*Essa experiência foi muito importante para refletir sobre um lugar, como trabalhador da saúde – independente da área – que pudesse poder, junto com o povo, mexer com as raízes e não apenas os sintomas. E ao olhar para esse muro e as relações de poder entre povo e técnicos (profissionais da saúde), descortinou-se um latifúndio com que ainda não havia me atinado.*

*A ideia do latifúndio de terra é mais palpável. Abre o mapa e já se vê. As medidas e títulos de posse estão documentados nos cartórios. Mas esse outro, como se mede? O que o documenta? Até hoje não sei bem. Mas há um documento que parece importante nesse sistema e se torna lei. A prescrição. Esse é um poder bastante concentrado, não só no médico, mas de todos que podem vestir o jaleco branco, em alguma medida. Dá o poder de dizer o que está acontecendo com o corpo do outro e dizer o que ele tem que fazer – muitas vezes sem que o outro entenda nada. Com esse poder a monocultura, que serve a interesses comerciais como na agricultura, avança de forma rápida.*

*(...) E por isso, quando tive contato com essa ideia de um Técnico em Saúde Ambiental, ela*

*pareceu também como uma aposta para se construir poder em saúde a partir de outro lugar e com sustentação em outros lugares, fora do Centro de Saúde. Aposta que esse Técnico poderia ter mais liberdade, autonomia e construir ‘espaços de saúde’ onde se estão plantando alimento, nas nascentes de água, na quadra de futebol. Isso não significa abandonar a luta pelo SUS e o diálogo com os serviços. Ao contrário, acho que até cria melhores condições para isso.*

*(...) Imagine se os profissionais da Unidade de Saúde que atende sua comunidade fizessem os trabalhos de diagnóstico da primeira etapa! E os intercâmbios para conhecer as soluções que outras comunidades vêm encontrando! Mais do que novos conteúdos, isso proporcionaria novas conexões e relações. E simplificaria fluxos de cuidado, que devido à alienação se tornam extremamente complicados e ineficientes. O exemplo da fome ilustra isso bem, mas poderíamos falar da água contaminada do carro pipa, que também se trata com remédio. Podemos falar do alimento contaminado por agrotóxico, para o qual se constroem modernos hospitais do câncer. (...)*

*Tenho minhas dúvidas em dizer que é uma ‘forma nova’. Mas isso não tira de nós a responsabilidade e prazer de estar vivendo de certo modo uma invenção.”*

BERNARDO VAZ — COMUNICADOR E EDUCADOR.  
TRECHO DA CARTA AO CTMA ESCRITA NO PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO, 2014.



*"Qual o sentido de tanta dedicação, estudo, esforço, reflexão, cooperação, contradição, dúvida e emoção que envolvem intensamente um trabalho dessa natureza? O sentido de uma Escola Pública de Saúde (EPSJV/FIOCRUZ) de fazer tão longo caminho (já se vão 10 anos), de forma cumulativa e dialógica, visando se apropriar das realidades do campo e se desafiar a ser um sujeito político e pedagógico, parte integrante da promoção da educação e da saúde do campo. Para tanto, desde o início até a conclusão desse processo formativo, fomos orientados a seguir o sentido da cooperação sociotécnica, envolvendo diversas escolas, instituições, organizações, movimentos sociais e suas lutas.*

*Os intercâmbios, os diagnósticos, as visitas domiciliares, os mapas e os diálogos permitiram as interações entre os conhecimentos técnico-científico e técnico-popular. Em vez de o conhecimento seguir o sentido e a direção dos processos formativos e de extensão – da academia para os territórios –, o Curso promoveu e ratificou a necessidade da inversão do sentido da construção e apropriação do conhecimento. Na verdade, os desafios e potencialidades dos territórios camponeses foram a base do processo formativo, que as aulas teóricas foram desafiadas a melhor interpretar, considerando e valorizando os conhecimentos dos educandos e educandas e das comunidades. A análise crítica dos estudos, a partir dos processos de determinação social da saúde, permitiu a resignificação dos processos de trabalho e dos conflitos socioambien-*

*tais existentes.*

*As sucessivas aproximações aos territórios da Reforma Agrária e de sua dinâmica permitiram que a EPSJV fosse ocupada por um acervo de conhecimentos socioambientais, técnicos e culturais que são gestados no dia a dia dos assentamentos e acampamentos, tendo a habitação como locus central. Para tanto, vivenciamos, ao longo do Curso, um constante movimento de aproximação/distanciamento/aproximação das diversas realidades destas comunidades rurais, permitindo que os educandos e educandas compreendessem, na prática, o método científico. O distanciamento crítico da realidade, simultâneo a um processo de maior aproximação dessas realidades, através da reflexão e mesmo de um estranhamento do seu próprio território e de seus determinantes, abre perspectivas de transformações, o retorno ao início e a compreensão do inacabado.*

*A formação de Técnico de nível médio em Meio Ambiente, com ênfase em Saúde Ambiental, ao que tudo indica, já nos primeiros frutos dos/as egressos/as, aponta como acertada a estratégia adotada da ampliação das perspectivas da juventude rural, de forma que ela fortaleça o processo de recampesinação, através da fixação dos/as trabalhadores/as em seus territórios. Os Trabalhos de Conclusão do Curso/TCCs realizados pelos educandos e educandas com grande dedicação e superação revelaram uma riqueza e sociobiodiversidade das diversas realidades do Sertão e da Convivência com o Semiárido e dos Territórios do Sul.*

*As tecnologias sociais de Agroecologia e de Saneamento Ecológico ampliam essas expectativas, uma vez que existe uma demanda reprimida para o manejo sustentável das águas, dos resíduos, dos solos e da compreensão da interdependência entre o manejo habitacional e a gestão comunitária do território. A interdisciplinaridade do conhecimento propiciada pelo tema do meio ambiente e a necessidade de superação das limitações, ou mesmo de negação da intersectorialidade nos territórios, amplificam as possibilidades de atuação dos Técnicos e Técnicas nos territórios camponeses, seja nas ATERs, nas escolas do campo, nas cooperativas, nas associações comunitárias, nas organizações e movimentos do campo, na assessoria para implementação, acompanhamento e manutenção de projetos nos assentamentos. Essa área profissional permite a construção curricular de acordo com as demandas provenientes dos conflitos socioambientais e da precariedade das políticas, sistemas e serviços públicos, resgatando e ampliando as bandeiras da Reforma Agrária, reforma hídrica e reforma sanitária.*

*O desafio da sustentabilidade dos territórios do campo perpassa a compreensão de como as categorias teóricas de trabalho e tecnologia e sua materialização no dia a dia, em especial, do movimento das tecnologias sociais da Agroecologia, pode, de fato, ser um vetor de construção do conhecimento e de pesquisa-ação, dando sentido ao empoderamento comunitário. A articulação saneamento ecológico/habitação saudável/agroecologia, mesmo com certa dificuldade de operacionalização, se materializou nas aulas e nas atividades de campo evidenciadas pelos educandos e educandas, tanto pelo que já foi feito, como pelo que não se conseguiu materializar ao longo do Curso – o que indica uma maior compreensão e expectativa da intersectorialidade e da necessidade de políticas saudáveis nos territórios.*

*A valorização do trabalho coletivo, cooperativo e solidário, em negação à concepção meritocrá-*

*tica, permitiu uma maior unicidade do espírito de turma, bem como a constatação da superação de cada um/a em relação a si mesmo/a e de seu papel nos movimentos sociais, nas intervenções de mobilização social.*

*Dando sentido ao que sentimos, a solidariedade do campo – gerada pelas condições objetivas de superação das distâncias, do compartilhamento dos espaços, do tempo, das águas, do alimento, da necessidade do trabalho coletivo, da luta política e das vulnerabilidades – é um constituinte da cultura camponesa e uma de suas maiores potencialidades. Esta solidariedade nas relações entre os/as educandos/as e educadores/as se mostrou como um importante pressuposto pedagógico. Associado a isso, o exercício do planejamento diário das atividades e a disciplina para a execução dos diversos 'tempos' envolvidos permitiu não somente o cumprimento de grande parte do conteúdo proposto, como ampliou estes conteúdos e instrumentos pedagógicos a partir das necessidades objetivas. Nesse sentido, o grande mérito da Coordenação Político-Pedagógica/ CPP foi a dedicação e o compromisso com a abertura da construção do conhecimento crítico e emancipatório. Nós mudamos ao longo do Curso.*

*Fez sentido, pois, apostamos na potência da educação territorializada em saúde ambiental, que supere as correntes da educação adaptativa, bancária, acrítica e exógena, podendo nos libertar para as perspectivas das transformações sociais e a construção de um mundo melhor. Esta tarefa cabe à classe trabalhadora, cujo sentido do processo aprendizagem/ensino do Curso se manifestou, enquanto síntese, na autodenominação cunhada pelos principais sujeitos desse processo: –'Agora somos Técnicos/as-Militantes!'*

ALEXANDRE PESSOA DIAS — PROFESSOR DA EPSJV E INTEGRANTE DA CPP / COORDENADOR DO EIXO-DISCIPLINA SANEAMENTO ECOLÓGICO E HABITAÇÃO SAUDÁVEL DO CTMA. DEPOIMENTO DURANTE O PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO, 2014.

A doença é a fome  
O problema é social  
Preservando a natureza  
Combatendo o capital

Mais do que a terra  
Ou o direito de falar  
Não queremos guerra  
Só um pedaço pra plantar

A terra guarda raiz  
Mais do que isso queremos  
Pra combater o mal do país  
Na luta seguiremos

Defendendo a natureza  
Pra saúde melhorar  
Fazer da agroecologia  
O projeto popular

Sonhar, sonhar  
É o caminho a seguir  
Não há como parar  
Se há muito a construir

Mudança é compreender  
Transformar a realidade  
A memória só existe  
Porque a luta é de verdade

Lutar contra o capital  
Que explora o povo todo  
Revolução é necessária  
Para construir um mundo novo

Povo guerreiro, valente  
Mente e coração abertos  
Ser livre plantando sementes  
Rompendo as correntes, povo liberto

Tentam nos sufocar  
Com falsas ideias brilhantes  
Mais nunca irão nos tirar  
A força de irmos adiante

Se a doença é a fome,  
O que vai acontecer?  
Se o problema é social,  
Quem irá nos socorrer?

Para mobilizar as massas  
Somos latinos guerreiros:  
Unindo campo e cidade  
Vamos juntos, companheiros!

Na beira da estrada  
Uma cerca farpada  
Cabo de foice e enxada  
Homem das mãos calejadas

Seguindo o horizonte  
La estará a utopia  
Nosso sonho, uma conquista  
Dos que lutam todo dia

Buscamos nos estudos  
Trabalho e reflexão  
Uma parte do caminho  
Rumo à transformação

O “semeador de ideias”  
Já plantou muitas sementes  
Regadas no dia a dia  
Pra colher futuramente

Somos nós os construtores  
Gritando cada vez mais forte:  
A doença é a fome,  
O problema é social

Preservando a natureza  
Combatendo o capital  
Estamos junto ou não estamos  
Nessa luta até o final?”

MÚSICA PRODUZIDA PELA  
TURMA JOSUÉ DE CASTRO EM  
AGOSTO DE 2013

**EU NÃO TINHA INTERESSE NA ÁREA DO MEIO AMBIENTE.** COM O CURSO PASSEI A ME INTERESSAR PELA PARTE AMBIENTAL E, JUNTO COM SIRLENE QUE TAMBÉM FEZ O CURSO, COMEÇAMOS A DESENVOLVER DENTRO DO ASSENTAMENTO ALGUMAS ATIVIDADES RELACIONADAS AO CURSO. HOJE A MINHA VISÃO SOBRE ESSES TEMAS É QUE A SAÚDE FAZ PARTE DO AMBIENTE, ASSIM COMO O AMBIENTE PRECISA DA AÇÃO DA SAÚDE PARA SER MELHOR. COMO O INTERESSE É CONTINUAR ATUANDO NESSA ÁREA E DE PODER DESENVOLVER JUNTO A SIRLENE UM PLANO DE SAÚDE COM QUALIDADE E QUE TODAS AS FAMÍLIAS POSSAM TER ACESSO A SANEAMENTO, PROTEÇÃO DAS ÁGUAS, OU SEJA, MORADIA E AMBIENTE DE QUALIDADE. O CURSO CONSEGUIU CONTRIBUIR PARA QUE ENTENDÊSSEMOS SOBRE AS LEIS E ATUARMOS DENTRO DELAS, COMO TAMBÉM TER UMA VISÃO CRÍTICA E AMPLIADA. (...) ACREDITO QUE [TENHO] O CONHECIMENTO E A VISÃO MAIS CRÍTICA DO QUE ANTES, MUITA COISA QUE PARA MIM NÃO FAZIA SENTIDO, PASSOU A FAZER DENTRO DOS VALORES E PRINCÍPIOS DO MST. (...) NOSSO PAPEL E ATUAÇÃO VAI SER DE EXTREMA IMPORTÂNCIA PRINCIPALMENTE NAS ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA.” **CAROLINI MORAIS CADENA** (CAROL) — ASSENTAMENTO GUANABARA, IMBAÚ, PR. TRECHOS DE “CARTAS DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.

**ESTAR INSERIDA NESTE CURSO É ALGO MARAVILHOSO,** POIS A PARTIR DOS CONHECIMENTOS APRENDIDOS NESSAS 4 ETAPAS, 2 ESTÁGIOS E OS TEMPOS-COMUNIDADE, CONSIGO INTERAGIR MELHOR COM OS DESSAFIOS E AMEAÇAS QUE ESTÃO SOBRE A COMUNIDADE. AS PESSOAS VÃO À MINHA CASA COM FREQUÊNCIA E SEMPRE PROCURAM SABER MAIS

SOBRE (...) AS COISAS QUE EU VOU APRENDENDO. EU TAMBÉM ESTOU SEMPRE PROCURANDO POR ALGUNS AGRICULTORES E PELA RAIZEIRA DONA TEREZA, PARA CONHECER TANTO DAS TÉCNICAS E DO MANEJO DO SOLO QUANTO DAS ERVAS MEDICINAIS, QUE É O TEMA QUE EU MAIS ME IDENTIFICO. EM UM TRABALHO DE BASE COM A INTENÇÃO DE MOBILIZAR A JUVENTUDE PARA SE INSERIR NUMA TURMA DE TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE, EU CERTAMENTE COLOCARIA A IMPORTÂNCIA DE TER NAS NOSSAS ÁREAS PESSOAS FORMADAS QUE POSSUAM ALÉM DO OLHAR TÉCNICO, O AMOR PELO TERRITÓRIO — E QUE NINGUÉM CONSEGUIRÁ FAZER UM BOM TRABALHO NAQUELA ÁREA, SE NÃO ESSA JUVENTUDE QUE É O FUTURO E NASCEU E SE CRIOU LÁ. O TEMA SAÚDE JÁ ERA MUITO IMPORTANTE PRA MIM, É A ÁREA QUE EU ESCOLHI TRABALHAR, POIS EU GOSTO DE CUIDAR E VER O OUTRO BEM. EU SABIA QUE O CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE ERA ESSENCIAL, SÓ QUE ESTUDAMOS NA ESCOLA SEMPRE O MAIS BÁSICO QUE É: ‘NÃO JOGUE LIXO NAS RUAS’, ‘NÃO DEIXE ÁGUA PARADA EM PNEUS OU JARROS DE PLANTAS’ ETC. E ESTE CURSO TE ENSINA QUE TANTO A SAÚDE QUANTO O MEIO AMBIENTE ESTÃO EXTREMAMENTE LIGADOS E QUE NÃO EXISTE UMA COISA SEM A OUTRA. EU GERALMENTE PARTICIPAVA SOMENTE DAS ASSEMBLEIAS E DISCUSSÕES DO SETOR DE SAÚDE — E NÃO TINHA MUITA PERTENÇA DA POLÍTICA. AINDA HOJE NÃO TENHO TANTO CONHECIMENTO, MAS SEI COM MAIS PRECISÃO QUAIS SÃO AS MINHAS ATRIBUIÇÕES COMO TÉCNICA QUE SOU E A MINHA CAPACIDADE NO DEBATE POLÍTICO SOBRE OS TEMAS ESTUDADOS E OS TEMAS ABRANGENTES DO MST E DA REFORMA AGRÁRIA.

**JENNIFER ZAMERIN DOS SANTOS** — ASSENTAMENTO NOVA IPIRANGA, CAMACAN, BA. TRECHOS DE “CARTA DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.



## O PAPEL DO CUIDADO

Considerando, uma vez mais, Leff, quando nos diz que: *“A educação para a formação de valores, atitudes e competências capazes de apreender e atuar dentro da concepção de mundo como sistemas socioambientais complexos implica a necessidade de pesquisar os problemas da aprendizagem da complexidade em função da evolução das estruturas cognitivas do aluno em seus diferentes estágios de desenvolvimento, dentro de seu contexto cultural e ambiental próprio”* –, a questão posta quando do CTMA foi: *como adentrarmos na Produção do Saber a partir do*

*reconhecimento e valorização dos saberes populares em um Curso Técnico em Meio Ambiente? E, ainda: como promover uma formação técnica profissionalizante pautada na riqueza de experiências e histórias de vida em um contexto de 55 estudantes de diferentes lugares do país e movimentos sociais?*

Dentre as estratégias, tivemos como uma diretriz a dimensão do *cuidado*. O *cuidado* em uma acepção ampliada, no sentido de promover uma diversidade de domínios de comunicação, de espaços de *autocuidado*, de práticas de intercâmbio cultural como estratégia metodológica, estágios, um cotidiano de leitura, escrita e reflexão e, mesmo, a iniciação à pesquisa e à informática.



E, por isso, ao longo dos eixos e módulos, perpassamos por diferentes gêneros orais e escritos: teatro, cordel, música, produção audiovisual, cartilha, mapas, cartas, monografias, programa de rádio, memorial, caderno de reflexão, petição. Cursar o CTMA exigiu *presença de espírito*: os sentidos se aguçavam e a criatividade emergia.

O cotidiano, também, era matéria de aprendizado — e as trocas de experiências, vida e luta entre os/as estudantes de movimentos sociais ali presentes (MST, Movimento dos Atingidos por Barragens, Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais, Movimento 21, Articulação Anti-Nuclear, Articulação Puxirão dos Povos Faxina-lenses/APF) enriqueciam o processo.

Por isso o possibilitar ao camponês e à camponesa, enquanto sujeitos sociais em luta, alcançar o *olhar de observador/a* em diferentes perspectivas: de si e do Outro, do sujeito e da comunidade, da unidade familiar e do assentamento, do próprio território e de outros territórios — tudo isso se constituiu em um caminho de promoção do/a Técnico/a no campo do *cuidado com o território*.

O instante de Planejamento Pedagógico era também de reflexão na construção desse novo profissional da saúde. O trabalho da Coordenação e dos/as estudantes foi de grande solidariedade e esforço no sentido de fazer valer *viver o novo*.

Nesse processo, algo que tivemos e utilizamos,

como na construção destes fascículos, foi aquilo que se conhece por *sistematização*. Metodologia oriunda da América Latina e organizada por um grupo de pessoas engajadas nas lutas sociais que têm na figura de Oscar Hara Holliday uma referência, instituiu-se como forma de melhor compreender as questões sociais a partir da ótica popular, retirar delas seus aprendizados e compartilhá-los com outros grupos, visando construir um *campo ampliado* de leitura reflexiva sobre suas próprias práticas. No CTMA, tendo em conta essa referência, sem *receita* e sem uma forma rígida, criamos um *tempo-sistematização* em que os/as estudantes puderam se debruçar sobre os materiais coletados em trabalhos e vivências de campo.

Dentro do percurso traçado, então, o lidar com diferentes linguagens — escrita, cartográfica, artística — cumpria a função de acumular vivências no âmbito da escrita que revertissem para o Trabalho de Conclusão de Curso/TCC — e nesse sentido, termos constituído o eixo programático de Língua Portuguesa cumpria essa função de promover ou estimular a capacidade de produção dos/as estudantes. Sobre isso, maiores informações da programação metodológica se encontram no *Fascículo 3 – A(s) Metodologia(s) ou o Método Pedagógico do CTMA* — dessa experiência que potencializou a emergência do *saber ambiental* dos povos do campo!

**OS JOVENS QUE VIVEM NO CAMPO QUEREM ESTUDAR**, MUITOS DELES GOSTAM DE ESTUDAR E OUTROS PRECISAM TER OPORTUNIDADES DE DESCOBRIR SUA IMPORTÂNCIA, SÃO DEDICADOS E RESPONSÁVEIS, E PODEM SER PROTAGONISTAS DA CONSTRUÇÃO DESSES TERRITÓRIOS. COMO CONSTRUIREMOS SAÚDE DO CAMPO SE NÃO FORTALECERMOS QUEM VIVE NESSES TERRITÓRIOS? CONTINUAREMOS INVESTINDO NA FORMAÇÃO DE PESSOAS QUE VIVEM NA CIDADE PARA ATUAR NO CAMPO? EM CONHECIMENTOS CONSTRUÍDOS NA CIDADE PARA SEREM APLICADOS NO CAMPO? É CLARO QUE MUITOS DESSES CONHECIMENTOS SÃO IMPORTANTES, MAS ELES PRECISAM SER CONTEXTUALIZADOS NO TERRITÓRIO, PRECISAM SER TERRITORIALIZADOS. (...) A JUVENTUDE DO CAMPO, AS MULHERES E HOMENS DO CAMPO, ENFRENTAM MUITAS DIFICULDADES — E UM CURSO NÃO TEM CONDIÇÕES DE DAR SOLUÇÕES A TODAS ELAS. MAS O CURSO NOS POSSIBILITOU CONHECÊ-LAS. E AÍ ESTÁ OUTRA IMPORTÂNCIA DA TERRITORIALIZAÇÃO DO CURSO: PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS EM INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO, AO MERGULHAREM NOS TERRITÓRIOS, COMPREENDEM MELHOR A VIDA NO CAMPO, NAQUELAS REGIÕES, SUA POTÊNCIA, SEUS DESAFIOS, E TÊM MAIORES POSSIBILIDADES DE ACERTAR NO DESENVOLVIMENTO DO CURSO. AO PARTICIPAREM DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA QUE REFLETE O TEMPO TODO SOBRE PRINCÍPIOS E VALORES, SÃO PROVOCADOS A SE QUESTIONAREM SOBRE SUAS VIDAS. SOBRE SUAS CONTRIBUIÇÕES NAS LUTAS DA SOCIEDADE. TODOS ESTÃO EM FORMAÇÃO, NÃO APENAS DE SUAS ATUAÇÕES ENQUANTO DOCENTES, MAS FORMAÇÃO HUMANA. COM TODAS AS SUAS CONTRADIÇÕES, INERENTES DO PROCESSO. **ANDRÉ BÚRIGO (DECO)** — SANITARISTA DA EPSJV/FIOCRUZ E MEMBRO DA CPP DAS DUAS TURMAS DO CTMA. TRECHO DA “CARTA DA CPP AO CTMA”, ESCRITA DURANTE PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO, 2014.

**AINDA NÃO SEI OS PORQUÊS**, MAS AQUELA JUVENTUDE DO CEARÁ E DO PARANÁ, ALÉM DE DIVERTIDA E POÉTICA, ERA MUITO MAIS ATENTA AOS DILEMAS DA NOSSA SOCIEDADE, O QUE A FAZ ESPECIAL. SIM, ESTES JOVENS QUE CONHECI FORAM OS PRIMEIROS QUE TIVE CONTATO COM ESTE EMPENHO, COM ESTA VONTADE DE SABER, LENDO ATÉ DE MADRUGADA, RIGOROSOS NOS MAPAS, NO CUMPRIMENTO DE TAREFAS. TÃO JOVENS, QUANTO EU, MAS PROFUNDAMENTE IMPLICADOS. POR ISSO TANTO ESFORÇO E DISCIPLINA, QUE ACHO ATÉ DEMAIS PARA UMA JUVENTUDE QUE TAMBÉM QUER SEU TEMPO. ENFIM, PUDE COM TUDO ISSO PENSAR A QUESTÃO DAS GERAÇÕES, DA TECNOLOGIA, DAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO. PUDE PENSAR TAMBÉM NA MÍSTICA, NO BRINCAR... ENFIM, FOI UM REENCONTRO COM A JUVENTUDE. **EDUARDO BARCELOS** (EDU) — GEÓGRAFO DA EPSJV/FIOCRUZ E MEMBRO DA CPP DAS DUAS TURMAS DO CTMA. DEPOIMENTO DURANTE PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO, 2014.

**SER TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE É UM PRIVILÉGIO NA LUTA CONTRA UM SISTEMA QUE SÓ OPRIME**. ANTES, NENHUM FILHO DE CAMPO-NÊS TINHA ESSA OPORTUNIDADE DE SER TÉCNICO EM ALGUMA COISA. HOJE, GRAÇAS ÀS VÁRIAS CONQUISTAS DAS LUTAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS, FOI DADO ESSE DIREITO DE ESTAR SE FORMANDO UM TÉCNICO. **ADONIAS RIBEIRO DA SILVA** — ASSENTAMENTO JOSUÉ DE CASTRO, OURICURI, PE. TRECHOS DE “CARTA DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA/2013.

*a juventude do campo*

# OS JOVENS E SEUS TERRITÓRIOS





É importante dizer: uma característica central que guiou o *fazer no CTMA* foi lidarmos com as *juventudes do campo*. Com jovens, inclusive, que recentemente tinham terminado o ensino médio. Mais um recado então, da experiência: dar visibilidade a esse segmento social é fundamental e estratégico no campo das políticas e programas de *educação* e da *saúde do campo*.

Nilson Weisheimer em 2008 nos alertava para dois aspectos que chamam atenção ao se olhar para jovens da zona rural: sua participação nas dinâmicas migratórias e a *invisibilidade social* dessa juventude. Aspectos esses que se configuram numa das expressões mais cruéis de exclusão social, uma vez que dessa forma esses/as jovens não se tornam sujeitos de direitos sociais e alvos de políticas públicas, inviabilizando o rompimento da própria condição de exclusão.

Por essa razão, o CTMA, em todo o seu percurso, apostou na dimensão do *cuidado* ao lidar com essas *juventudes*: mergulhando nos territórios, afinando o olhar sobre as condições e contradições vividas e ressignificando as questões que antes passavam despercebidas mas que, como um véu que cai, foram se tornando transparentes a esses sujeitos em formação, conquanto complexas fossem.

Essa escolha consciente do CTMA por um caminho mais complexo — e que abria mão de *facilidades* constituídas se optasse, por exemplo, por utilizar os espaços das universidades para o desenvolvimento do Curso — buscou tanto visibilizar os territórios de origem quanto contribuir com o protagonismo das juventudes envolvidas, em um campo de atuação que também está em disputa política e ideológica.

Desde a constituição dos eixos (módulos e disciplinas) do Curso à construção dos TCC's, a categoria *território* esteve presente. A perspectiva crítica de “gerir o ambiente” enquanto ação política e autônoma, em respeito à diversidade de saberes

locais, cujos protagonistas são propriamente os Povos dos territórios sejam das florestas, ribeirinhos/as, pescadores/as, assentados/as de Reforma Agrária, do mangue ou do mar —, é uma alternativa de resistência e fortalecimento das organizações e movimentos sociais em defesa da sustentabilidade, justiça socioambiental e da promoção da saúde.

Os TCC's sobre os *Diagnósticos das Condições de Vida e Situações de Saúde dos Territórios* dos educandos e educandas documentam os saberes e relações construídos sob esta perspectiva crítica. E evidenciam o papel dos movimentos sociais na promoção da saúde e na produção de conhecimento, cujas bases epistemológicas validem, valorizem e reconhecem os conhecimentos locais na gestão ambiental. Perspectiva que além de reduzir a assimetria de poder, tem potencial de “promover estudos e análises mais aproximados com a realidade de pequenas populações em contextos de exposição peculiares”, conforme nos lembra Marcelo Firpo e Renan Finamore no texto *Riscos, saúde e justiça ambiental: o protagonismo das populações atingidas na produção de conhecimento* (2012).

Os saberes agora *territoriais* revelaram a potencialidade metodológica da programação político-pedagógica do CTMA, desvelados aqui enquanto experiências: Caravanas Territoriais, Estudo de Caso, estágios, Ciranda Infantil, Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso/TCC, Tenda *Josué de Castro*.

*“(...) Considero de grande importância a formação técnica das comunidades, para as comunidades e nas comunidades. Ou seja, você forma um morador para que atue em seu território e que conheça esse território. A formação técnica só não é necessária nas comunidades quando estas passam a depender do Técnico a ponto de sobrecarregá-lo. Ou quando esse técnico não possui nenhum vínculo com comunidade onde vai atuar, ou seja, quando a formação técnica vem toda de fora, ela definitivamente não é necessária. Acredito que deva haver relações e conhecimento.”* Laureana Feitosa/Laura (Curral Velho-Acaraú, CE — trechos da “Carta da Minha Experiência do Curso” ao final do CTMA/2013)

*“Para a juventude, é necessário pensar em saídas de geração de renda no campo e isso perpassa a forma de produção e o acesso de políticas públicas. Precisamos de políticas públicas que garantam ao jovem sua renda e outro olhar para lote/espço e sua forma de organização e distribuição do trabalho nas famílias. A juventude se mantém no campo se tiver alternativa de renda. Não há outra forma. Pois se a base material determina as relações sociais, então a forma de organização da produção é o que vai determinar a permanência da juventude no campo — e a saída é a agroecologia.”* Elaine Marchioro/Preta (integrante do MST e da CPP da turma Josué de Castro/PR, depoimento gravado durante a sistematização do CTMA, setembro de 2014)

*“Dentro do MST temos também a preocupação da permanência da juventude do campo. Eu moro em um assentamento que não há nenhuma formação para juventude. Estou na coordenação desse Curso por ter realizado outros cursos e estou contribuindo com o Setor de Saúde do MST. Talvez não seja a solução, mas uma das saídas é trabalhar a formação do Técnico dentro dos setores. Pois, como vimos, em várias turmas de agroecologia do Paraná, poucos estão atuando. Pode ser um caminho para se pensar a juventude a partir dos cursos. Desde o trabalho nos acampamentos até assentamentos.”* Adazi Citron (integrante do MST e da CPP da turma Josué de Castro/PR, depoimento gravado durante a sistematização do CTMA, setembro de 2014)



*“Como a solidariedade é uma forma de conhecimento que se obtém por via do reconhecimento do outro, o outro só pode ser conhecido enquanto produtor de conhecimento. Daí que todo o conhecimento-emancipação tenha uma vocação multicultural. A construção de um conhecimento multicultural tem duas dificuldades: o silêncio e a diferença. O domínio global da ciência moderna como o conhecimento-regulação acarretou consigo a destruição de muitas formas de saber, sobretudo daquelas que eram próprias dos povos que foram objeto do colonialismo ocidental. Tal destruição produziu silêncios que tornaram impronunciáveis as necessidades e as aspirações dos povos ou grupos sociais cujas formas de saber foram objeto de destruição. Não esqueçamos que sob a capa dos valores universais autorizados pela razão foi de fato imposta a razão de uma “raça”, de um sexo e de uma classe social. A questão é, pois: como realizar um diálogo multicultural quando algumas culturas foram reduzidas ao silêncio e as suas formas de ver e conhecer o mundo se tornaram impronunciáveis? Por outras palavras, como fazer falar o silêncio sem que*

*ele fale necessariamente a linguagem hegemônica que o pretende falar? Estas perguntas constituem um grande desafio ao diálogo multicultural. Os silêncios, as necessidades e as aspirações impronunciáveis só são captáveis por uma sociologia das ausências que proceda pela comparação entre os discursos disponíveis, hegemônicos e contra-hegemônicos, e pela análise das hierarquias entre eles e dos vazios que tais hierarquias produzem. O silêncio é, pois, uma construção que se afirma como sintoma de um bloqueio, de uma potencialidade que não pode ser desenvolvida.” Boaventura de Sousa Santos (Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). São Paulo: Cortez, 2011, p. 30)*

**O CTMA ME CONTEMPLA COM UMA MUDANÇA SIGNIFICATIVA EM MINHA VIDA.** AO DECORRER DO CURSO, MUDOU MEU ENVOLVIMENTO COM O MST. ANTES DA INSERÇÃO NO CURSO, POUCO ME COMUNICAVA COM O DIRIGENTE DA BRIGADA. HOJE JÁ SOU REFERÊNCIA NO ASSENTAMENTO. TIVE PARTICIPAÇÃO EM ENCONTRO ESTADUAL E REUNIÕES.

ESTE CURSO ME PROPORCIONOU TER UMA VISÃO MAIS AMPLA SOBRE SAÚDE, QUE ELA NÃO DEVE SER VISTA SIMPLEMENTE COMO NÃO ESTAR DOENTE, MAS TAMBÉM ESTÁ RELACIONADO A TODO UM CONJUNTO DE FATORES QUE INFLUENCIAM DIRETAMENTE OU INDIRETAMENTE SOBRE NÓS — O FÍSICO, O MENTAL, O MEIO SOCIAL — E A IMPORTÂNCIA DA PREVENÇÃO E PROMOÇÃO. TENDO UMA LIGAÇÃO DIRETA COM O MEIO AMBIENTE QUE ESTÁ EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO E QUE INFLUENCIA NOSSO BEM-ESTAR. ALGO QUE ME MOTIVA MUITO É VIVER EM CONSTANTE HARMONIA COM O MEIO AMBIENTE. ATRAVÉS DOS ESTUDOS, PESQUISAS OU TRABALHOS NA PRÁTICA QUE ESTAREI ME APRIMORANDO CADA VEZ MAIS. **ÂNGELA DE FÁTIMA KLEIN** — ASSENTAMENTO MIGUEL FORTES DA SILVA, TAIÓ, SC. TRECHOS DE “CARTAS DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.

**A INSERÇÃO NO CURSO MUDOU MINHA VIDA EM VÁRIOS ASPECTOS:** NA FORMA DE REFLETIR E AGIR SOBRE QUESTÕES QUE ESTÃO DIARIAMENTE EM NOSSA VIDA, QUE NÃO PERCEBEMOS E QUE INFLUENCIA ENQUANTO SERES HUMANOS; A INDIGNAR-SE E BUSCAR MEIOS DE COMBATER A CLASSE QUE NOS OPRIME E ISSO ESTÁ LIGADO ATÉ MESMO EM NOSSA CASA. O CURSO MUDOU TOTALMENTE MEU ENVOLVIMENTO COM O MST, PASSANDO DE ESPECTADOR PARA CONSTRUTOR DESSE MO-

VIMENTO QUE MUITO REPRESENTA PARA MIM. ESTE CURSO NÃO É SÓ UM LUGAR PARA APRENDER, MAS, SIM, ONDE VOCÊ DIALOGA E AJUDA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO. TAMBÉM NOS ENSINA O VERDADEIRO PENSAR E AGIR LIBERTADOR, QUE SE DIFERENCIA E MUITO DAS ESCOLAS TRADICIONAIS QUE NÃO AVALIAM EM QUALIDADE E, SIM, EM QUANTIDADE. A FORMAÇÃO DO CURSO ME POSSIBILITOU A OLHAR A TÉCNICA E A POLÍTICA COMO ELEMENTOS QUE NÃO DEVEM SE DAR SEPARADOS, COMO OCORRE NA SOCIEDADE CAPITALISTA EM QUE UNS PENSAM E OUTROS EXECUTAM SEM REFLEXÃO POLÍTICA SOBRE SUA AÇÃO. TIVE GRANDES AVANÇOS EM RELAÇÃO À PRÁTICA MILITANTE, PRINCIPALMENTE EM RELAÇÃO À ORGANIZAÇÃO E COMPANHEIRISMO, PORÉM SINTO COMO DESAFIO BUSCAR MAIS CONHECIMENTO, ENTENDER MELHOR OS PROCESSOS POLÍTICOS DO MST, TER MAIS ESPÍRITO DE SACRIFÍCIO E SOLIDARIEDADE. SER TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE É SER CAPAZ DE: INTERVIR, LUTAR CONSTRUIR, ORGANIZAR, REFLETIR E, POR FIM, TRANSFORMAR O QUE NOS ORIENTA EM NOSSA VISÃO DE MUNDO. ESTA FORMAÇÃO É FUNDAMENTAL PARA COMUNIDADES E ASSENTAMENTOS, ONDE SE POSSA ENTENDER O TERRITÓRIO E BUSCAR CONSTRUIR UMA CONCEPÇÃO DE AMBIENTE COM OLHAR AMPLO SOBRE SANEAMENTO, PRODUÇÃO, SAÚDE, AGROECOLOGIA, PARA QUE ASSIM POSSAMOS RESGATAR VALORES QUE NUNCA DEVERIAM TER SIDO ESQUECIDOS COMO A VIDA. **VINICIUS BALBINOTTI** — ASSENTAMENTO NOVO PARAÍSO, BOA VENTURA DE SÃO ROQUE, PR. TRECHOS DE “CARTAS DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.

## trans-formação



# GIRO NO MODO DE PENSAR

O reconhecimento da necessidade da superação do modelo de desenvolvimento agrícola hegemônico, na busca de relações sociedade/natureza responsáveis e promotoras da saúde – e da extensão de ações e serviços de saúde que atendam às populações do campo, das florestas e das águas respeitando suas especificidades com a conquista da *Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas/PNSIPCFA* – tanto subsidia como se alimenta e concretiza suas ações a partir do fortalecimento da *educação do campo*.

Neste cenário, então, a um só tempo de afirmação da vida, mas também de iniquidades socioambientais, a formulação da *educação territorializada* como superação nos campos da pedagogia, das políticas públicas e das intervenções sociotécnicas é um caminho de fortalecimento da Reforma Agrária e da promoção da saúde e de ambientes saudáveis para as *populações do campo*.

A caracterização do contexto sociohistórico dos territórios das *populações do campo* e sua interrelação com os processos saúde/doença, assim como entre as alternativas tecnológicas e seu papel na promoção da saúde, tornam-se centrais no Projeto Político-Pedagógico.

O fortalecimento do campo de atuação de *Técnicos/as em Meio Ambiente* para áreas de Reforma Agrária ou comunidades agrícolas direcionada às juventudes rurais é uma alternativa que caminha tanto para a promoção de ambientes saudáveis com ênfase na produção agroecológica, saneamento ambiental e saúde, mas especialmente incentiva e contribui com a permanência dos/as jovens em seus territórios, dando visibilidade a este segmento social, reduzindo sua participação nas taxas migratórias e trazendo novas perspectivas de trabalho no contexto das realidades locais.

Se não, vejamos um trecho da carta de Eduardo Barcelos ao CTMA, em que passeamos pelos meandros desse vivido que estamos a sistematizar.





*“(…) O Curso se propôs a mergulhar na vida real das comunidades rurais no Nordeste e no Sul como princípio pedagógico da formação. Pensou o meio ambiente com a cultura, com o fazer, com o modo de vida destes diferentes rincões, para trazer uma referência diferente de saúde. Não se pode pensar a saúde sem as pessoas, sem compreender seus dilemas, suas contradições, seus contextos. A ideia de produção da saúde, de produção de ambientes saudáveis foi um diferencial substantivo do Curso, pois nos diz que as situações de saúde da população têm íntima relação com as formas pelas quais se produz o social. A ideia de produção do espaço de vida envolve algo que é processual e determinações que estão na raiz de nossas desigualdades, como a concentração da terra. Ou seja, a saúde foi pensada como um processo histórico – e isso, por si só, já não é pouca coisa. Envolveu diferentes saberes. Quando a gente toma a categoria território para entender estas questões, principalmente este processo de ‘produção da vida (e da saúde!)’, a gente está buscando entender o modo como as relações de poder que se constituem espacialmente, inclusive nos corpos, organiza determinadas iniquidades e porque os paradigmas clássicos da ciência médica não dão conta de explicar certos perfis epidemiológicos. É preciso olhar para os lados, para todos os lados, mudar a lente e a escuta: fazer um giro. Por isso que o CTMA ganha, na minha ideia, tanta importância, pois buscou este giro, se colocou em movimento para entender a complexidade ambiental. Ele foi buscar nos conflitos territoriais, na imersão nos assentamentos as referências para pensar os processos de adoecimento, de saúde/doença; irá buscar na produção das desigualdades (renda, trabalho, terra) os fatores de vulnerabilização*

e risco. Ele não vai separar uma coisa da outra. Assim, a degradação ambiental, a contaminação por agrotóxicos, a moradia, o trabalho, a produção, serão parte deste metabolismo social e as referências fundamentais para pensar, por exemplo, a ideia de vigilância popular em saúde, um desafio perseguido durante todo o Curso. [...] O giro no pensamento a que me refiro faz parte deste modo de pensar o currículo. Imaginem vocês integrar o currículo do Curso às casas de farinha, às casas de mel, às associações comunitárias, aos conflitos com grandes empreendimentos. Um currículo que só teve sentido quando mostrou problemas reais, quando problematizou a forma de fazer conhecimento, oferecendo uma 'caixa de ferramentas'. A integração curricular dos conteúdos da formação (eixos) às práticas e experiências de várias comunidades visitadas durante nossas Caravanas Territoriais, seja no Oeste do Paraná, seja na Chapada do Apodi, ou no Assentamento Maceió, assim como nas experiências das regatas, no Ceará, e da Jornada de Agroecologia, no Paraná, confirmou a importância do trabalho de campo. Enfim, esta mistura de estudo e vivência, pensar e fazer, de se movimentar pelo território, de (re)criar novos marcos de interpretação sobre a saúde, foi o grande diferencial do CTMA: de pensar as 'engenhocas', os modos de criação. Ninguém ficou parado nas simulações. Foram as simulações que não deram conta da complexidade do que estamos falando.”

Eduardo Barcelos / Edu (depoimento do geógrafo da EPSJV e integrante da CPP/ trecho da Carta ao CTMA escrita no processo de sistematização/2014)



**DURANTE 10 ANOS MILITEI NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). A PRINCÍPIO, NO**

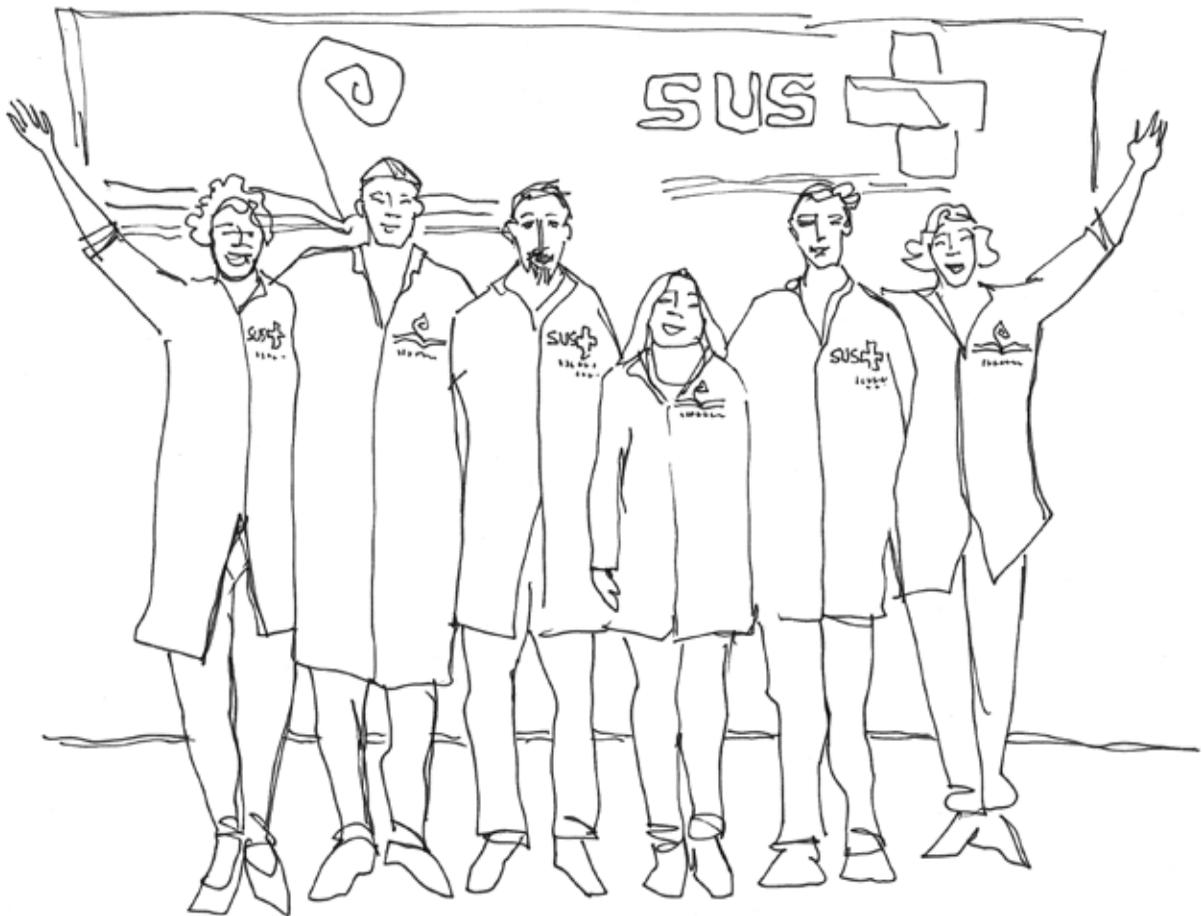
SETOR FRENTE DE MASSA E DEPOIS NA DIREÇÃO ESTADUAL COMO COORDENADOR DO COLETIVO DE JUVENTUDE E CULTURA. ESSE PERÍODO DA MINHA VIDA CONTRIBUIU BASTANTE NA FORMAÇÃO DE OPINIÃO E COMO PROCESSO DE COMPREENSÃO DA LUTA DE CLASSE. HÁ QUATRO ANOS ESTAVA SEM PARTICIPAR DAS INSTÂNCIAS DO MST. CONFESSO QUE SEM A VIDA DIÁRIA DA MILITÂNCIA, FUI PERDENDO A PRÁTICA DO ESTUDO, ATÉ QUE EM JULHO DE 2012 FUI CONVIDADO PELA DIREÇÃO DA BRIGADA MANDACARU PARA FAZER O CURSO REPRESENTANDO MEU ASSENTAMENTO (GROSSOS). A MINHA INSERÇÃO NO CURSO TÉCNICO DE MEIO AMBIENTE ME FEZ VOLTAR À PRÁTICA DO ESTUDO, REFLEXÃO — E ACIMA DE TUDO À EXPERIÊNCIA DE SISTEMATIZAÇÃO, ALÉM DA PRÁTICA DA PESQUISA E CONSTRUÇÃO DE DIAGNÓSTICOS E RELATÓRIO, DE MODO QUE O CURSO ME AJUDOU, E MUITO, NO ACÚMULO DE EXPERIÊNCIA E CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS AO LONGO DESSE PERÍODO, E À APROXIMAÇÃO MAIOR DO PRÓPRIO MOVIMENTO E DAS ATIVIDADES COTIDIANAS DA MILITÂNCIA. MESMO SENDO FILHO DE UMA AGENTE DE SAÚDE, O TEMA SAÚDE EM SI NUNCA ME INTERESSOU, ISSO NA VISÃO QUE EU TINHA, DA FORMA QUE EU VIA A QUESTÃO SAÚDE. HOJE, NÃO. A MINHA VISÃO SOBRE SAÚDE É BEM DIFERENTE DA QUE EU TINHA ANTES DO CURSO. HOJE TENHO A COMPREENSÃO DE QUE SER TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE É MUITO MAIS QUE SER TÉCNICOS: TEMOS A RESPONSABILIDADE DE SER POLÍTICO E DE TERMOS CLAREZA DE CONSCIÊNCIA DE CLASSE E QUE O NOSSO PAPEL É DE CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA OU OUTRA COMPREENSÃO DE SUSTENTABILIDADE — E DE CONSTRUIR NA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA DAS POPULAÇÕES DOS NOSSOS TERRITÓRIOS, NÃO COMO SALVADOR DA PÁTRIA MAS COMO PARTE DO PROCESSO DESTA CONSTRUÇÃO.. **ANTÔNIO FERNANDO SILVA SOUSA** — ASSENTAMENTO GROSSOS, CANINDÉ, CE. TRECHOS DE “CARTA DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.

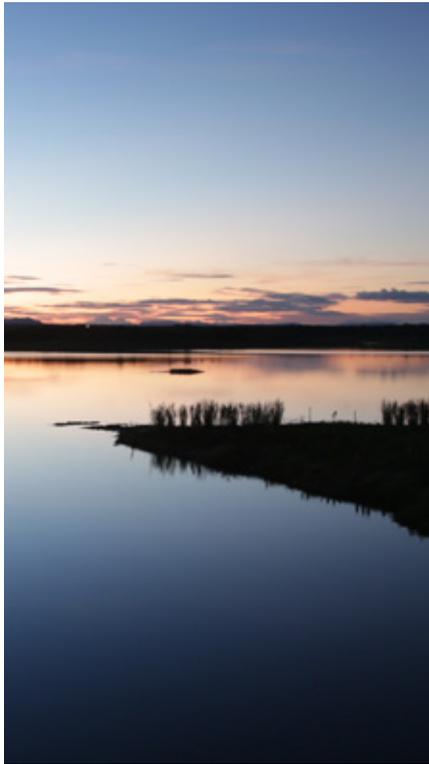
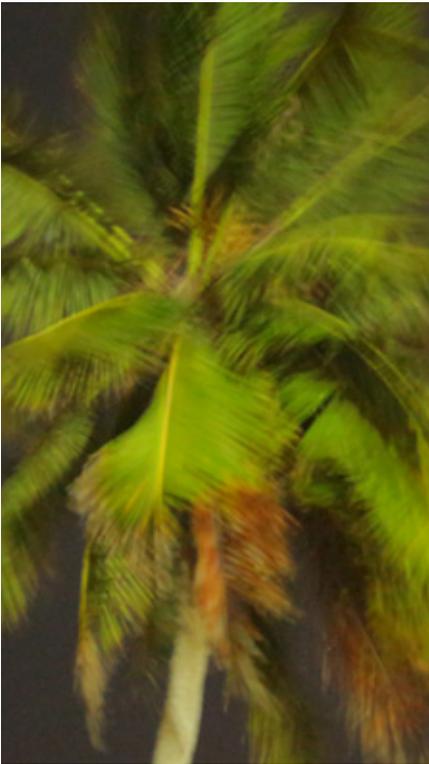
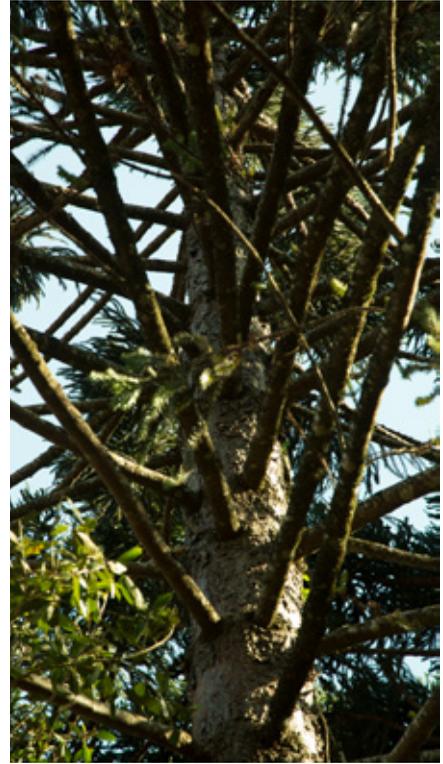
**QUANDO RECEBI A PROPOSTA DE PARTICIPAR DO CURSO TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE**, CONFESSO QUE TIVE MEDO — AFINAL, ERA UMA EXPERIÊNCIA NOVA; MAS POR OUTRO LADO, O TEMA ME CAUSOU CURIOSIDADE. DIGO QUE FOI UM DESAFIO, MAS AGORA TENHO O SENTIMENTO DE QUE ESSE DESAFIO FOI DIFERENTE DE OUTROS — E O QUE DIFERENCIA É QUE AGORA NA RETA FINAL, ME VEJO COMO UMA PESSOA MAIS FORTE E CERTA DE QUAL DIREÇÃO TOMAR. VEJO UM CAMINHO COM UM ALVO E MUITAS SETAS SE DIRECIONAM A ESSE CAMINHO, APONTANDO NA MESMA DIREÇÃO. HOJE ME VEJO COMO MILITANTE — E VEJO AS ORIGENS DAS INJUSTIÇAS. [...] AGORA ENTENDO QUE ALÉM DE QUESTÕES AMBIENTAIS E COMO ESTAS ESTÃO RELACIONADAS À SAÚDE E BEM VIVER DAS POPULAÇÕES, EXISTE TODO UM CONTEXTO — E É ESSA HISTÓRIA QUE MOVE DENTRO DE MIM UMA REVOLTA, FAZENDO PENSAR: COMO POSSO ENCONTRAR JUNTO COM O POVO SAÍDA DIANTE DA REALIDADE IMPOSTA? DIGO QUE ESSE CURSO EM MIM ATINGIU SEU OBJETIVO DE FORMAR TÉCNICOS MILITANTES QUE POSSAM ATUAR NOS ASSENTAMENTOS OU ONDE HOUVER NECESSIDADE. AGORA DEPOIS DE TUDO QUE VI E APRENDI, NEM SEI SE LEMBRO DO QUE EU PENSAVA ANTES SOBRE O MEIO AMBIENTE, MAS ACHO QUE EU SEPARAVA TUDO, NÃO ENTENDIA COMO ESSE TUDO ERA LIGADO COMO UMA IMENSA TEIA — E É JUSTAMENTE O FATO DE QUE ESTÁ TUDO RELACIONADO QUE ME MOTIVA A CONTINUAR ESTUDANDO SOBRE O TEMA [...] É UMA DUPLA FORMAÇÃO — E SER TÉCNICA EM MEIO AMBIENTE PARA MIM É SER AGENTE TRANSFORMADORA, MOBILIZADORA, CONSCIENTIZADORA, EDUCADORA E EDUCANDA; ME POSSIBILITA RELACIONAR A LUTA COM AS NECESSIDADES DO ASSENTAMENTO AO QUAL PERTENÇO E OUTROS TAMBÉM. TODO CONHECIMENTO ADQUIRIDO SERÁ DE EXTREMO AUXÍLIO PARA TROCA DE SABERES COM OS AGRICULTORES. **LÍDIA MARIA MENDES RODRIGUES** — ASSENTAMENTO ROSELI NUNES, SANTA QUITÉRIA, CE. TRECHOS DE “CARTA DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.

# CIÊNCIA EM MOVIMENTO

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.”

(Jorge Larrosa Bondía).







"[...] Sendo um conhecimento mínimo que fecha as portas a muitos outros saberes sobre o mundo, o conhecimento científico moderno é um conhecimento desencantado e triste que transforma a natureza num autômato [...]. Este aviltamento da natureza acaba por aviltar o próprio cientista na medida em que reduz o suposto diálogo experimental ao exercício de uma prepotência sobre a natureza. Desta forma, o conhecimento ganha em rigor o que perde em riqueza – e a retumbância dos êxitos da intervenção tecnológica esconde os limites da nossa compreensão do mundo e reprime a pergunta sobre o valor humano de um afã científico assim concebido. Esta pergunta está, no entanto, inscrita na própria relação sujeito/objeto que preside à ciência moderna, uma relação que interioriza o sujeito à custa da exteriorização do objeto, tornando-os estanques e incomunicáveis".

*Boaventura de Sousa Santos (Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). São Paulo: Cortez, 2011, p. 73)*



*EXPERIÊNCIA 1*

CARAVANA CULTURAL  
DA CHAPADA DO APODI  
*VIVÊNCIA DE INTEGRAÇÃO CURRICULAR  
DA TURMA RAÍZES DA TERRA*



“A concepção da atividade de integração curricular Caravana da Chapada do Apodi se inseriu no contexto das atividades regionais preparatórias do III Encontro Nacional de Agroecologia/ENA em 2014, pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). Diante da expressividade do território da Chapada do Apodi (CE e RN) enquanto campo de diversidade de experiências de transição agroecológica e de tecnologias sociais de convivência com o bioma Caatinga, e dada a importância de ampliar a visibilidade do conflito socioambiental em torno do uso/acesso da água voltados à expansão da fruticultura irrigada e/ou agricultura familiar e camponesa, a comissão organizadora da ANA definiu como território da Caravana Cultural do Nordeste a Chapada do Apodi, entre os municípios de Limoeiro do Norte, CE, e Apodi, RN.

Isso muito nos levou a nos aproximar da comissão organizadora do III ENA, formada por movimentos sociais, ONGs, grupos de pesquisa e entidades envolvidas com extensão rural, assessoria técnica, pesquisa e ensino da agroecologia. Afinal, o Curso estava acontecendo no interior do Ceará – então como não promover uma atividade pedagógica que bebesse da conjuntura política e da experiência metodológica da ANA?

Dentre os desafios da ANA, tinha-se o de avaliar como o conjunto de experiências agroecológicas estavam reagindo e se fortalecendo em contraponto ao modelo de produção agrícola vigente em expansão, químico-dependente e responsável pelo aprofundamento dos sulcos das iniquidades sociais do modelo econômico vigente. ‘Como estes processos vêm se dando nos territórios?’ – foi um grande desafio abraçado pela ANA, que tinha se proposto visibilizar as experiências agroecológicas, mas também potencializar o papel da comunicação, expressando para sociedade a dimensão territorial relativa ao modelo de desenvolvimento agrário pautado no agronegócio. As perguntas orientadoras da ANA, das quais buscamos utilizar como base da proposta de atividade de integração curricular, foram: Por que interessa à sociedade apoiar uma estratégia de desenvolvimento rural com base na agroecologia e fortalecimento da agricultura familiar?; Qual é o papel do/a Técnico/a em Meio Ambiente na área em disputa territorial?; Quais as formas de resistência e alternativas construídas pelas comunidades?

Assim, utilizamos da prática metodológica das Caravanas Territoriais características das atividades da ANA a fim de fomentar práticas de ensino-aprendizagem cujos conteúdos

programáticos partissem prioritariamente da abordagem territorial e da realidade comum dos educandos e educandas e em diálogo com entidades parceiras locais que têm desenvolvido trabalhos, ações e pesquisas conjuntamente a comunidades e assentamentos rurais. Neste âmbito, as organizações que contribuíram com planejamento e execução foram: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Apodi/STTR, Comissão Pastoral da Terra/CPT, Organizações Não Governamentais Terra Viva e Coopervida, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte/UERN, Rede Nacional de Advogados e Advogadas Populares/RENAP, Tramas, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/FAFIDAM e Instituto Federal de Limoeiro do Norte/IFCE.

Assim, propusemos uma Caravana com os estudantes do CTMA no território da Chapada do Apodi e Tabuleiro de Russas – que denominamos também por Caravana da Chapada do Apodi – como atividade de integração curricular ao longo do III tempo escola. A Caravana percorreu os territórios das comunidades de Milagres, Moacir Lucena, Palmares, Aurora da Serra em Mossoró, RN, a comunidade do Tomé em Limoeiro do Norte e uma empresa de fruticultura irrigada em Russas/CE, perpassando e conhecendo a área do Perímetro Irrigado Jaguaribe-Apodi.



*Trilhamos esses territórios com objetivos tanto de promover processos reflexivos junto aos/às educandos/as sobre o contexto de vulnerabilidade socioambiental e à saúde em comunidades agrícolas nas cercanias das áreas de expansão das fronteiras agrícolas, como para contribuir para com a compreensão dos educandos e educandas sobre a temática do agronegócio, perpassando por toda cadeia de produção – desde o sistema de abastecimento de água dos Projetos de Irrigação Jaguaribe Apodi ao processo de trabalho no interior da empresa de fruticultura para exportação nos setores de plantio e no interior das instalações de empacotamento em área do Perímetro Irrigado de Tabuleiro de Russas. Buscamos, assim, fomentar práticas de ensino que contribuíssem com novas metodologias de ensino-aprendizagem compatíveis com a realidade dos/as educandos/as, contextualizados com os conteúdos programáticos exigidos.*

*A Caravana consistiu de diferentes ferramentas metodológicas e ficou clara a importância do intercâmbio de experiência entre duas realidades de uma mesma Chapada do Apodi. Os conteúdos,*

*ministrados em sala de aula, foram apreendidos e aprofundados no campo, em colaboração com docentes e demais entidades que atuam junto aos agricultores e agricultoras familiares. A promoção de seminários em meio às visitas de campo com colaboradores/as, espaços como rodas de conversa e noites culturais tornaram a vivência do território um campo de apreensão da realidade em suas diferentes concepções, seja simbólico-cultural, ambiental, política ou econômica. Tínhamos o cuidado de tanto visibilizar o quadro de injustiças socioambientais, cujas interrelações entre os níveis macroeconômicos das políticas de desenvolvimento econômico e o processo de reestruturação produtiva se tornassem evidentes aos/às estudantes, como também lançamos luz às alternativas ao desenvolvimento e à agroecologia no campo prático e técnico ali presente na realidade de vida das comunidades.”*

*Lara Braga bióloga, sanitária do Núcleo Tramas/UFC e integrante da CPP da turma Raízes da Terra. Relatório da Caravana Agroecológica da Chapada do Apodi.*

## CORDEL DA AGRICULTURA

*Aleandro Rebouças,  
Antônio Iraneudo M. da  
Silva, Edpo Fernandes  
de Oliveira, Jardeson  
Lima Mendonça,  
Jennifer Zamerim dos  
Santos, Josefa A. da  
Silva Filha, Laureana  
Santos Feitosa, Samuel  
Bernardo de Lima.*

Depois de todo discurso  
Nós fomos ver realmente  
Chegando a cada lugar  
Deu pra gente acreditar  
Que aquele povo não mente

Vimos coisas ruins  
Mas também coisas boas  
Ao menos o agroecossistema  
Que ajuda aquelas pessoas

Segundo representante  
O projeto foi adotado  
Com os quintais produtivos  
O povo está animado

Pois já tem experimento  
De capim palma e feijão  
Hortaliças naturais  
E plantação de mamão

O povo decepcionado  
Com algumas controvérsias  
Mas ficaram inspirados  
Por ver que essa caravana  
É uma grande promessa

Por ainda não ter diploma  
Ficamos entristecidos  
A vontade não é pouca  
Mais com fé e muita força  
O povo está resistindo

Para chegar à Chapada  
Precisamos ter sorte  
Vamos falar do estágio  
No Rio Grande do Norte

O nome bem explicado  
Chamado de Caravana  
Foi um pouco estressante  
Mas uma coisa bacana

Fizemos samba e pagode  
Algumas improvisações  
Com triângulo e chocalho  
Zabumba com violão

Visitamos assentamentos  
Perímetro de irrigação  
E conhecemos também  
A agrofloretação

Vimos o funcionamento  
É um povo complicado  
A Campanha Contra o Agrotóxico  
O povo está motivado  
Com receio da palavra  
Eles ficam emocionados

Pra ver a realidade  
Como está acontecendo  
A natureza destruída  
E o solo está morrendo  
Com toda essa consequência  
O trabalhador está sofrendo

E interessante de ver  
O tanto que eles batalham  
Pra não perder suas terras  
Onde os mesmo trabalham

Batalham pra segurar  
As terras que pra eles restam  
Cada coisa conquistada  
Pra eles é uma festa  
Num canto quintal produtivo  
No outro a agrofloresta

É importante obter  
Do povo satisfação  
Com seus produtos orgânicos  
Eles têm preocupação  
De não prejudicar o solo

Causando a devastação  
Com essas simples palavras  
Tentei ser bem verdadeiro  
Levando emoção de lá

Sáímos para enfrentar  
As coisas do Limoeiro  
As coisas lá estão sérias  
Não tem muita ladainha

Sem tempo pra passear  
Fomos logo visitar  
A Barragem das Pedrinhas  
É interessante o caso  
Refletir é fundamental  
A inteligência do povo  
Que manda no capital

Primeiro formam barragens  
A água é acumulada  
Depois transformam a usina  
Em mais de cem metros acima  
A água é rebolada

Com muita tranquilidade  
E engenheiro formado  
Com formas transnacionais  
São formados os canais  
Do perímetro irrigado

Sem se preocupar com os povos  
Que naquelas terras moram  
Devastam aquelas terras  
E a ganância devora  
Com toda aquela pressão  
O povo se apavora

Lutar contra o agrotóxico  
Pra o povo é fundamental  
Mas com intranquilidade  
A vida fica informal

Mas tem que contar com a sorte  
Pois corre o risco de morte  
Mandado do capital  
O capital predomina  
Fazendo sua empreitada  
Devastando aquelas terras  
Com produção irrigada  
Deixando o povo aflito  
Com as terras envenenadas

O povo repreendido  
Vendo a devastação  
Falo com água no rosto  
A gente sente a emoção  
O coração do caboclo  
Ver a correr pouco a pouco  
Aquele exploração

Por isso, amigos, agora  
Vou terminar este verso  
Vamos combater o mal  
Que atinge nosso universo  
Sem causar contradição  
Com saúde educação  
E só isso que eu lhe peço

Traduzindo no pedido  
A sua compreensão  
Pra junto formarmos forças  
E salvar nossa nação  
Unidos conseguiremos  
Combater a exploração



## **ANA E ENA**

A Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) é um espaço de articulação e convergência entre movimentos, redes e organizações da sociedade civil brasileira engajadas em experiências concretas de promoção da agroecologia, de fortalecimento da produção familiar e de construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento rural. Atualmente a ANA articula vinte e três (23) redes estaduais e regionais, que reúnem centenas de grupos, associações e organizações não governamentais em todo o país, além de quinze (15) movimentos sociais de abrangência nacional.

A ANA organiza a sua ação em três frentes. A primeira delas consiste em articular iniciativas realizadas pelas organizações que fazem parte da ANA em seus programas de desenvolvimento local/territorial, promovendo o intercâmbio entre elas e fomentando a reflexão coletiva sobre as lições delas extraídas. Dessas lições, são retirados subsídios para a segunda frente de ação: o trabalho de incidência sobre as políticas públicas. Através da prática da troca de experiências e de debates, são identifi-

cados gargalos e desafios para o desenvolvimento da agroecologia e elaboradas propostas para a criação e o aprimoramento de políticas públicas que promovam o aumento de escala da agroecologia nos territórios. Esse esforço tem fortalecido a ANA como ator político representante do campo agroecológico, legitimado para propor e negociar o aprimoramento de políticas junto ao governo. A terceira frente de ação da ANA se refere à comunicação com a sociedade, que busca dar visibilidade à realidade da agricultura familiar e às propostas defendidas pelo campo agroecológico e, assim, estimular uma atitude proativa em defesa dessas propostas.

A ANA já realizou, desde a sua constituição em 2002, três Encontros Nacionais de Agroecologia — ENAs (Rio de Janeiro, RJ, 2002; Recife, PE, 2006; e Juazeiro, BA, 2014). Deste último encontro participaram 2.100 pessoas de todos os estados do Brasil, representando movimentos sociais e organizações da sociedade civil, além de redes estaduais, regionais e nacionais. A comissão organizadora do Encontro foi composta por 38 redes, organizações e movimentos da sociedade civil brasileira, que refletem a diversidade de atores sociais e a abrangência nacional da Articulação. Disponível em: <http://www.agroecologia.org.br/o-que-e-a-ana>. Acesso em: 01/03/2016.

## **AGROECOLOGIA**

O conceito de agroecologia é contemporâneo, porém, a prática é oriunda de saberes étnicos de culturas tradicionais. O desenvolvimento desta área do saber configura-se especialmente neste contexto de crises da atualidade. O resgate do potencial sinérgico de interação biológica e cultural de povos tradicionais, ao longo dos séculos, é a base para a transformação social e superação deste paradigma de desenvolvimento capitalista. A valorização das heranças agrícolas dos povos do campo revive o camponês enquanto agente de transformação social e, potencializa a organização social local. Esta reaproximação do homem com a terra também reverbera profundamente na regeneração e conservação de ecossistemas. (ALTIERI, 2008; HECHT, 1987). Este processo de transformação social dá-se por transição agroecológica dentro do grau de complexidade social e ecológica de cada local. Trata-se, então, de um processo contínuo de transformação que se complexifica com o tempo, “orientado para o alcance de índices mais equilibrados de resiliência, produtividade, estabilidade e equidade nas atividades agrárias” (COSTABEBER, 2006, p.1). Disponível em: Agronegócio cercando agroecologia: modo de vida e conflito sócio-ambiental em comunidades agrícolas de Tabuleiro de Russas, Ceará /Lara de Queiroz Viana Braga. — 2010 (Dissertação de Mestrado/Saúde Pública/UFC).

## **AGRONEGÓCIO**

Agrobusiness [agronegócio] é um complexo de sistemas que compreende agricultura, indústria, mercado e finanças. O movimento desse complexo e suas políticas formam um modelo de desenvolvimento econômico controlado por corporações transnacionais que trabalham com um ou mais commodities e atuam em diversos outros setores da economia. Fernandes e Welch (2008, p. 48).

## **PRODUÇÃO DE SABER SOBRE A CARAVANA AGROECOLÓGICA DO APODI**

*"A Chapada é uma expansão da fronteira agrícola capitalista no Brasil, por meio das políticas públicas hidroagrícolas, marcada por conflitos, fruto da injustiça. O projeto do agronegócio, que vem acabando com a vida de muitas famílias, é um exemplo claro que está do nosso lado na mesma Chapada (o lado do Ceará): de início, começou um projeto de pequenos trabalhadores, que pelo fato de não terem sido financiados, vieram a ter muitas dificuldades em continuar sua produção; hoje só alguns conseguem permanecer produzindo, mas enfrentam várias dificuldades devido às grandes empresas nacionais e internacionais que estão comprando as partes dos pequenos agricultores que não têm outra saída a não ser venderem seus lotes e sua força de trabalho para o capital, enquanto as outras famílias vão para as periferias das cidades. (...) Está muito clara a disputa por dois modelos de agricultura. Um que preserva a vida, a biodiversidade, que distribui renda, democratiza a terra e a água, ou seja, que tem como objetivo principal a reprodução da vida. Esse modelo está enraizado nas diversas comunidades da Chapada, seja nas áreas de assentamentos da Reforma Agrária ou comunidades de pequenos agricultores e agricultoras do Rio Grande do Norte. Essas comunidades e assentamentos vêm demonstrando que é possível viver bem no campo, produzindo alimentos saudáveis, apesar do pouco investimento por parte dos governos".*

*Kessio, Erlania, Denilson, Ana Nelia, Jocicléa, Antonio / Turma Raízes da Terra (trecho do Relatório da Caravana Agroecológica da Chapada do Apodi).*



*“A agroecologia busca alternativas sustentáveis, respeitando o ciclo dos ecossistemas, adaptando as realidades de cada território, visando diminuir os impactos à natureza – e é exatamente por isso que a sociedade deve apoiar esse modelo, para a construção de um mundo mais sustentável. É nesse sentido que o Técnico em Meio Ambiente tem um papel fundamental de buscar alternativas que possam garantir que a comunidade tenha autonomia sobre seu território, através de análises, diagnósticos participativos, que possam potencializar a luta dos moradores, valorizando sua cultura, os recursos naturais, enfim, o Técnico precisa estabelecer relações com a comunidade, para que essa possa ter plena confiança em suas ações – e que essas possam ser conjuntas, aumentando o vínculo entre saberes tradicionais e técnicos.”*

*Núcleo de Base João Sem Terra/Turma Raízes da Terra (trecho do Relatório da Caravana Agroecológica da Chapada do Apodi)*

*“Como formas de resistências e alternativas das comunidades, essas comunidades tentam manter a sua produtividade no campo agroecológico como: criação diversificada de animais de pequenos portes; apicultura; produção de leite e seus derivados; produção agrícola; associação comunitária; cooperativa; agroindústria; grupo de mulheres camponesas; grupo de jovens.”*

*Elisiane, Aurinha, Denaide, Piauí, Raniele, Adonias, Ana/Turma Raízes da Terra (trecho do Relatório da Caravana Agroecológica da Chapada do Apodi feito pelo grupo).*

## EXPERIÊNCIA 2

# CARAVANA DO OESTE PARANAENSE

## VIVÊNCIA DE INTEGRAÇÃO CURRICULAR DA TURMA JOSUÉ DE CASTRO

Importantes fatos e contextos históricos do território que engloba o Oeste do Paraná fizeram parte da caravana. Aqui trouxemos resumidamente alguns relatos e imagens da vivência e suas experiências que se apresentam na programação.



### **O ASSENTAMENTO VALMIR MOTA (CASCAVEL, PR: HISTÓRIA, RESISTÊNCIA E AGROECOLOGIA**

O Assentamento Valmir Mota é uma importante referência no município de Cascavel, na região oeste do Paraná, cuja luta até a posse da terra durou 15 anos — quando 83 famílias resistiram e conquistaram a terra em 2012. Foi uma grande conquista histórica da luta em meio a grades conflitos e violência marcada com a morte da liderança Valmir Mota, ou mais popularmente conhecido por Keno.

*A agroecologia é um dos pilares do assentamento Valmir Mota, ainda com todos os condicionamentos para sua implementação, perpassando necessariamente pelo incentivo à transição agroecológica, ao abandono de práticas como a utilização do fogo e uso de agroquímicos, oportunizando as famílias acesso as técnicas agroecológicas de manejo do solo, mas sobretudo a prática de métodos para a construção das casas e um fim adequado aos resíduos e líquidos da produção das famílias. Além disto, deve-se reforçar aprendizado sobre equilíbrio ecológico e técnicas de produção orgânica com o auxílio e orientação do técnico de ATER[...]*

*O ‘açudão’ do assentamento faz parte da estratégia de abastecimento de água para as famílias que desenvolvem atividades agrícolas. A qualidade da água foi aferida por métodos físico-químicos pela turma Josué de Castro sob coordenação do prof. Alexandre Pessoa.*



*“A vivência no coletivo e o respeito às diferenças foram muito presentes durante todo o processo do Curso. Ter clareza que as diferenças podem estar relacionadas ao nível de formação que cada um adquiriu em sua caminhada, mas não podemos deixar de ter esse olhar mais crítico, em que muitas vezes, as potencialidades ou dificuldades de entender o processo de avanço numa classe estão relacionadas ao caráter das pessoas e, por isso, os princípios e valores podem se apresentar no cotidiano dos espaços onde vivenciamos coletivamente. É nas contradições que avançamos no processo, porém refletir nossos espaços é um desafio para organização. Os princípios e os valores devem estar presentes nas nossas atitudes e em todos os espaços onde atua um militante, é preciso praticar muito isso. Porém, como Técnico-Militante e com um conhecimento maior na área ambiental, tenho o dever de saber olhar a realidade de um MEIO, considerado um lugar ou espaço, onde se dão as relações entre os seres formando o AMBIENTE e, juntos fazer um local saudável e que proporcione a saúde das pessoas.”*

*Sirlene Alves Morais/Nega — Assentamento Guanabara-Imbaú/PR — trechos de “Cartas da Minha Experiência do Curso” ao final do CTMA/2013)*

### **A ESCOLA ITINERANTE ZUMBI DOS PALMARES, ASSENTAMENTO VALMIR MOTA**

*A escolha do nome ‘Escola Itinerante’ por parte do MST se deu por significar que esta escola acompanha o itinerário do acampamento, desde o momento em que se encontram acampados até finalmente a conquista de um lote de terra do assentamento. Essa escola foi criada e concebida para atender às necessidades específicas de crianças e adolescentes que vivem nos acampamentos. O número de escolas depende do número de acampamentos. Atualmente a Escola Itinerante Zumbi dos Palmares se encontra localizada no PA Valmir Mota de Oliveira, onde estudam também alunos dos acampamentos 1º de agosto, Casa Nova, São João e Sete de Setembro, e foi criada a Escola Municipal do Campo Zumbi dos Palmares que se encontra em processo de aprovação pelo Conselho Local de Educação do município de Cascavel.*



### **ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO, MUNICÍPIO SANTA TEREZA DO OESTE**

*O Assentamento Olga Benário foi criado em 2005, tem área total de 90 hectares, onde vivem 10 famílias. As características ambientais da área, como a pouca disponibilidade de água superficial e a necessidade de recuperação ambiental de Área de Preservação Permanente/APP (desmatada antes da chegada das famílias Sem Terra) trazem desafios para a organização comunitária e para o avanço da produção agroecológica. A agrofloresta se apresenta como alternativa e há esforços concretos em sua implementação, mas é na organização de um grupo de mulheres que conduzem uma Panificadora Coletiva que o processo de transição agroecológica tem uma importante referência local.*

*As mulheres fabricam pão, cuca, bolachas, macarrão e biscoitos e comercializam através dos mecanismos dos mercados institucionais – PNAE e PAA –, além de participar da Feira Semanal que acontece em Santa Tereza do Oeste. A organização deste coletivo possibilita às mulheres terem uma renda própria, sem necessidade de trabalhar em outros locais fora do assen-*

*tamento, que chega a um salário mínimo por família só da panificadora, além da produção de outros produtos que geram renda mensal como o leite, produção de verduras.*

*Vizinha à área do Assentamento ficava um espaço de experimento da Syngenta, onde num protesto organizado pelo MST para denunciar as irregularidades da empresa e seus crimes ambientais, Keno foi assassinado. Ter contato com a memória desta tragédia marcou a visita ao Assentamento Olga Benário. Após o conflito a área foi destinada a instalação do IAPAR.*

## **INSTITUTO AGRONÔMICO DO PARANÁ**

*Atualmente, o IAPAR desenvolve o Programa de Pesquisa em Agroecologia/PAG criado em 2004 com a finalidade de congregar e coordenar ações de pesquisa, visando promover sistemas sustentáveis de produção agroecológica, incluindo a orgânica. O PAG busca oferecer resultados que favoreçam simultaneamente ao agricultor, ao consumidor e ao meio ambiente, considerando aspectos técnicos, socioeconômicos, ecológicos, éticos e legais. O PAG assume a Agroecologia como uma ciência de caráter multidisciplinar com enfoque sistêmico, que apresenta princípios e metodologias para apoiar o processo de transição interna e externa, e estudar, planejar, implantar, manejar e avaliar agroecossistemas para que venham a ter maior sustentabilidade. O foco principal do IAPAR está voltado para desenvolver tecnologias para atender à demanda do agronegócio no Paraná, mas pode-se afirmar que o PAG se manteve até hoje pela luta dos camponeses, que de certa forma ‘fincaram uma cunha’ no espaço dominado pelo agronegócio.*

## **O AGRONEGÓCIO EM CASCAVEL/PR**

*O Show Rural Coopavel é referência mundial para o agronegócio, onde acontece uma das maiores feiras de negócios da agricultura do Brasil. É nesse evento que as principais empresas mundiais de pesquisa e de equipamentos – de agrotóxicos, sementes transgênicas, fertilizantes e maquinários agrícolas, como grandes colheitadeiras – lançam e vendem novos produtos e tecnologias. Além da grande feira que acontece uma vez por ano, no local funcional uma Cooperativa que reúne produtores rurais de commodities agrícolas, como a soja. Entrar no espaço do Show Rural teve por objetivo proporcionar aos educandos perceberem a força do agronegócio na região, suas estratégias de poder, incluindo a relação com instituições públicas.*

## **ITAIPU BINACIONAL E PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU**

*No último dia de Caravana fomos até Foz do Iguaçu visitar a usina de Itaipu, que é atualmente a maior usina hidrelétrica do mundo em geração de energia, e o Parque Nacional de Iguaçu. Matriz energética, conflitos ambientais, parques de proteção e preservação da natureza, foram algumas das reflexões problematizadas.*

*Unido pelo rio Iguaçu ao Parque Nacional Iguazú, na Argentina, o Parque integra o mais importante contínuo biológico do Centro-Sul da América do Sul, com mais de 600 mil hectares de áreas protegidas e outros 400 mil em florestas ainda primitivas. (Trechos do relatório Sistematização da atividade de campo de integração curricular estudo de caso no oeste paranaense, elaborado pela CPP/PR).*

### EXPERIÊNCIA 3

## ESTUDO DE CASO NA COSTA DO CE

### ASSENTAMENTO MACEIÓ - ITAPIPOCA, CE

Esta experiência pedagógica de integração curricular traz importantes reflexões sobre métodos de ensino-aprendizagem no campo da *Saúde Ambiental*. Promover uma aula prática a partir de demandas concretas de uma comunidade exige compromisso com a transformação social e criticidade ao processo de produção de conhecimento.

O intercâmbio de experiências proporcionou aos/as jovens educandos/as aprofundamento de

conteúdos do Curso com ênfase na discussão do papel do/a *Técnico/a* no contexto da realidade sociohistórica do *território*.

A percepção da interrelação abaixo pelos/as estudantes denota a importância de se compreender o histórico de luta e resistência da população e seus avanços nos campos da produção, educação e organização comunitária.





*TRECHO DO RELATÓRIO DE VIVÊNCIA ELABORADO PELA CPP*

*“[...] Como pensar em uma semana de imersão em atividades práticas no campo da Saúde Ambiental? Como elucidar o papel do Técnico em Meio Ambiente a partir da realidade e das condições de vida da população? Como pensar em uma vivência de integração curricular dos três eixos centrais do Curso? Assim a CPP se aproximou do Instituto Terramar, que trabalha na Zona Costeira do Ceará. Rogéria, Cris e Rosinha ajudaram a articular e convidaram lideranças das comunidades de Caetanos de Cima e Maceió em Itapipoca e de Curral Velho em Acaraú para pensar e formular: Que comunidades necessitam de atenção nestes campos de atuação? Quem poderá contribuir com planejamento e organização?*

*O Terramar avaliou a importância dos conteúdos abordados nos territórios por ele acompanhados, pois também compreendem a afirmação da vida, seja com a agroecologia, que gera autonomia e protagonismo comunitário, seja com os quintais produtivos ou o cultivo de algas para produção de alimentos saudáveis. A questão do saneamento*

*ambiental no litoral também revela um problema social. Dificuldades no manejo de resíduos sólidos e dos efluentes das habitações trazem impactos na qualidade das águas, dos solos e da saúde da população.*

*E assim iniciamos um diálogo com os Povos do Mar, cuja importância do cuidado neste processo de trabalho é preciso dimensionar. Uma das lideranças reconheceu esta estratégia de ensino: 'O povo sofre com a falta de conhecimento. Vejo esta atividade como oportunidade de troca de experiências. Vivemos um momento difícil. Oportunidade de fortalecer para conhecer a realidade dos próprios territórios'. O papel da juventude local nesta atividade pedagógica também se mostrou importante: 'A inserção dos jovens na organização e luta tem sido um dos principais problemas para fortalecimento da resistência'.*

*Então fomos até lá conversar, marcamos uma reunião com o povo do Maceió. Nesta reunião havia 22 participantes entre jovens e adultos interessados em contribuir com o desenho metodológico.*

*Enfatizaram a importância dos jovens da região em fazer parte desta atividade de educação...*

*A Vivência de Integração começou numa roda de conversa sobre 'História, Cultura, Lutas e Resistências' com a presença de lideranças comunitárias já dando as boas vindas, após o café da manhã no salão da Casa das Algas. Outra metodologia interessante foi chamada de 'Caminhadas Transversais': um roteiro criado pelas lideranças locais para apresentar os pontos centrais – desde casas, igreja, colégios, associação, acampamento e projetos de produção locais, assim como a beleza da natureza: complexo de dunas, rios, mar, lagoão e Morro Verde. Antes das caminhadas, representantes da comunidade construíram um mapa com aspectos sociais e ambientais da região.*

*Ao final deste primeiro dia, a CPP trouxe a importância de se pensar no processo de trabalho de uma equipe técnica. Desafios: em trabalhar no coletivo, em pensar em métodos de pesquisa, em construir relatórios técnicos, em um plano de intervenção, na importância do planejamento de atividades em um tempo determinado – todos esses aspectos foram colocados aos/às estudantes!*

*No segundo dia de trabalho, destinado ao Eixo Saneamento Ambiental e Habitação Saudável, houve coleta de água de consumo humano em cinco (5) pontos indicados por lideranças da comunidade. Muito interessava à comunidade saber da qualidade, pois já se sabia que a 'capa rosa' tomava conta de grande parte do assentamento.*

*Cada equipe se responsabilizou por um ponto, aprendendo sobre a técnica no processo de coleta e materiais necessários. Ainda puderam coletar os pontos da amostragem por GPS. Nesta atividade tivemos colaboração da Companhia de Água e Esgoto do Ceará (CAGECE) do município de Itapipoca, Ceará, para análises físico-químicas e microbiológicas.*

*O terceiro dia foi destinado ao Eixo Agroecologia: um breve questionário foi encaminhado às equipes para que pudessem realizar um diagnóstico rápido sobre o agroecossistema de uma uni-*

*dade familiar. Cada equipe apresentou suas observações e análises dos diagnósticos dos quintais produtivos. Ao longo da tarde, a experiência de cultivo de algas foi apresentada por um produtor do Projeto: 'Algas Cultivando Sustentabilidade'.*

*Esta experiência chamou atenção da turma, a maioria dos/as estudantes nunca tinha visto uma alga – e muito menos que era possível utilizá-la como alimento. Vale lembrar que não só aprenderam como saborearam mousse, gelatina e salada de algas. As cozinheiras cuidaram de preparar as refeições a partir dos alimentos da comunidade: peixes, farinha de mandioca, coco, suco de caju, tapioca, bolo de milho, feijão – sabores da terra nos eram cuidadosamente preparados por um grupo de mulheres. Junto à produção de alimentos das unidades familiares, também chamava a atenção a renda de bilros onde quase todas as mulheres exerciam esta arte.*

*Ao longo da tarde tivemos uma apresentação sobre como a energia eólica chega nas comunidades tradicionais: as usinas vêm cercando seu entorno, já distribuindo os riscos ao modo de vida da população. Os conflitos socioambientais têm levado os movimentos e organizações sociais a se articularem em defesa dos territórios atingidos.*

*Ao longo do quarto dia, os estudantes seguiram para comunidades vizinhas: Bom Jesus e Córrego da Estrada. A questão agrotóxicos lá chamava atenção, assim nos informaram as lideranças nas reuniões preparatórias. Os estudantes se desafiaram a preparar atividades com esta temática. Filme, teatro, mapeamento dos determinantes sociais da saúde, mapeamento participativo foram utilizados. Interessante recordar que para tal atividade acontecer, os estudantes tiveram de cuidar desde o planejamento à mobilização local.*

*Todas as noites, após uma reflexão coletiva do dia, os estudantes se debruçavam nos relatórios até tarde da noite. Era bonito de se ver o esforço e engajamento em desenvolver os relatórios técnicos e apresentações para o último dia! Jovens,*

*crianças e adultos lá estiveram participando. Para alguns, teria sido uma das melhores atividades já realizadas na comunidade.*

*Ao longo da tarde, uma roda com a juventude foi proposta. Jovens do Curso e do assentamento puderam expressar sentimentos, emoções e aprendizados. Dentre os relatos, uma jovem de lá nos disse que não tinha compreensão da realidade em que vivia, até então. Outra moça nos disse que tinha muito orgulho de ser agricultora e que a*

*melhor educação era aquela que seus pais ensinaram. O Território educa...*

*Os estudantes prepararam uma peça improvisada, falando da história do lugar de uma maneira engraçada. Sorrisos, músicas, conversas, alegria, trocas, atenção... A comunidade trouxe sua poesia, versos e músicas da sua lavra e o forró foi até mais tarde, adentrando a madrugada. No domingo, o retorno, despedida com um banho de mar: até quem nunca tinha tomado, fez questão de entrar!"*

A percepção da interrelação abaixo pelos/as estudantes denota a importância de se compreender o histórico de luta e resistência da população e seus avanços nos campos da produção, educação e organização comunitária.

A partir dos diagnósticos realizados pelas equipes, alguns caminhos foram propostos para a Comunidade Maceió nos campos do Saneamento ambiental, Saúde e Agroecologia:

- Promover ações de educação em Saúde Ambiental que visem melhoria nos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos;
- Criar estratégias para valorização da produção local, como as feiras de agricultura familiar, além de construir alternativas de beneficiamento da produção, como uma agroindústria de caju ou cooperativas para produção de coco e mandioca.
- Desenvolver ações que dialoguem diretamente com a juventude para seu engajamento na organização, luta e resistência local;
- Participar dos conselhos locais e municipais de Saúde e reivindicar ações de promoção da saúde, dentre elas a implementação da Estratégia Saúde da Família (ESF) no território;

- Avançar na produção de fitoterápicos a partir da riqueza de recursos naturais locais;
- Criar um *Fórum dos Atingidos pelas Eólicas*, envolvendo diferentes organizações sociais;
- Promover ações de mobilização social para criação de planos de ação em parceria com outras organizações locais e regionais que contribuam para o manejo adequado dos resíduos sólidos, das águas de consumo humano e seus usos diversos.

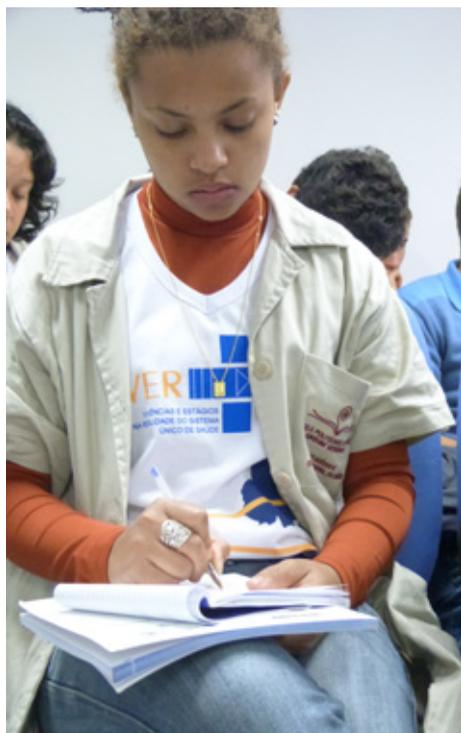
As ações de mobilização social, de educação e as tecnologias sociais propostas efetivamente se concretizam a partir de uma organização social participativa que caminhe junto a uma *educação territorializada* e emancipatória. A partir dessa experiência pedagógica, buscamos contribuir com a Associação Acalma em apoio à luta e resistência diante dos conflitos socioambientais no seu entorno. Seja com atividades de mobilização social, palestras, envolvimento da juventude, análises da qualidade da água, produção de relatórios técnicos. Certamente, o intercâmbio cultural e de integração da Turma foram valiosos diante dos relatos e qualidade dos relatórios produzidos.

## EXPERIÊNCIA 4

# VER-SUS VIVÊNCIAS E ESTÁGIOS NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

*“Ser Técnico em Meio Ambiente é poder ajudar a mobilizar a comunidade para o debate da construção Saúde do Campo, realizar práticas e construir tecnologias sociais junto à comunidade e, também, penso que devemos trazer o SUS aos territórios camponeses e fortalecer a Saúde Pública do Brasil.”*

*José Rafael de Oliveira (Assentamento Conquista Camponesa-Laranjal/PR trechos de “Cartas da Minha Experiência do Curso” ao final do CTMA/2013)*



### O QUE É O VER-SUS?

O VER-SUS/BRASIL faz parte de uma estratégia do Ministério da Saúde e do Movimento Estudantil da área da saúde de aproximar os estudantes universitários do setor aos desafios inerentes à consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) em todo o território nacional. Representa, também, um compromisso do gestor do SUS com a aprendizagem dos estudantes que se preparam para este setor. Trata-se de uma ação que propicia aos estudantes universitários dos cursos da saúde conhecerem mais de perto o SUS. É uma oportunidade de vivenciar os desafios, as dificuldades e os avanços deste sistema. Uma vivência em que os profissionais em formação problematizam a organização dos serviços de saúde nas diferentes regiões do país.

### OBJETIVOS DO VER-SUS

- Valorizar e potencializar o compromisso ético-político dos participantes no processo de implantação do SUS.
- Provocar reflexões acerca do papel do estudante como agente transformador da realidade social.
- Contribuir para a construção do conceito ampliado de saúde.
- Sensibilizar gestores, trabalhadores e formadores da área da saúde, estimulando discussões e práticas relativas à educação permanente e às interações entre educação, trabalho e práticas sociais.
- Contribuir para o amadurecimento da prática multiprofissional e interdisciplinar, para a articulação interinstitucional e intersetorial e para a integração ensino-serviço-gestão-control social no campo da saúde.
- Contribuir para o debate sobre o projeto político-pedagógico da graduação em saúde e sobre a implementação das diretrizes curriculares nacionais e das diretrizes constitucionais do SUS, fortalecendo os compromissos do SUS com o ensino da saúde.
- Estimular a inserção dos estudantes no Movimento Estudantil e em outros Movimentos Sociais.

fonte: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/folder/folder\\_versus.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/folder/folder_versus.pdf)

Possibilitar uma experiência pedagógica que permita o diálogo simultâneo entre a teoria e a prática na realidade do Sistema Único de Saúde no contexto urbano e que potencialize a atuação dos educandos e educandas, especialmente na Atenção Primária à Saúde e na Saúde Ambiental nos *territórios* de origem – campos preferenciais de práticas e atuação profissional do/a *Técnico/a em Meio Ambiente* – se coaduna com os objetivos do VER-SUS.

Para iniciarmos esse estágio de vivências na realidade do SUS, foi necessária uma pactuação entre as Secretarias Municipais de Saúde dos municípios das capitais do Ceará e do Paraná (Fortaleza e Curitiba) e a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, a fim de celebrar juridicamente os convênios entre essas instituições. Por se tratar de instituições públicas, o percurso burocrático foi minimizado, facilitando sobremaneira a inserção dos/as *Técnicos/as* na Rede Pública Municipal de Saúde. O desafio, então, foi o de elaborar um desenho que respondesse às necessidades do *Curso Técnico em Meio Ambiente*, ao tempo em que dialogasse com a capacidade do município para receber esses/as estudantes.

Para que essa experiência pudesse acontecer, uma rede de articulações e pactuações foi necessário construir. No estado do Ceará, as entidades envolvidas foram Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza, MST, EPSJV e Núcleo TRAMAS. No estado do Paraná, tivemos a Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba, Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Paraná e a Rede Unida. Esta vivência aconteceu durante os dias 11 a 25 de maio de 2013 em Fortaleza/CE, e no período de 15 a 29 de junho de 2013 em Curitiba, Paraná.



A integrante do Coletivo Nacional do Setor de Saúde do MST e integrante da Coordenação Político Pedagógica do CTMA no Ceará, Gislei Siqueira, considera a etapa de estágio um exercício prévio da atuação profissional e – que tanto a fase do VER-SUS quanto da ATER puderam mostrar áreas onde esses/as formandos/as podem atuar.

"Por mais que a gente tenha trabalhado na perspectiva do sistema de saúde urbano, o sentido foi de construção de um sistema de saúde no campo. Em 2011, foi aprovada a política, mas temos um distanciamento muito grande entre o que foi aprovado e a forma de execução nos municípios. Então, a experiência dos alunos no VER-SUS de conhecer o sistema público de saúde, fazendo uma leitura de seu funcionamento no urbano e entendendo suas demandas no campo, possibilitou que eles se apropriassem de ferramentas que no futuro ajudarão na construção do Sistema Único de Saúde no campo", explicou Gislei.



*“Durante o VER-SUS, acho que vale a pena a gente lembrar, a maneira como ele foi organizado pra nós, no sentido de que isto também contribua pra o processo de compreensão de como o SUS está organizado. Começou com o entendimento de como funciona uma Secretaria Municipal de Saúde e depois com vivência nas unidades básicas de saúde; e a partir daí, a gente pôde conhecer também a atenção secundária e terciária, onde se concentram as especialidades, e que pra nós camponeses, do interior, fica mais difícil de visualizar isso dentro do SUS. Conhecer e compreender estes espaços de atenção possibilita conhecer a arquitetura do SUS – assim percebemos as potencialidades do Sistema de Saúde... às vezes visualizamos somente aquilo que não tem no SUS, mas que não sabemos o que tem. E essas potencialidades, essa arquitetura, foi construída através de várias lutas... o SUS é fruto de muitas lutas no decorrer da história de nosso país.” José Rafael de Oliveira (Assentamento Conquista Camponesa-Laranjal/PR trecho da avaliação do VERSUS/2013)*





"O Curso favorece muito isso pra nós... de conseguir olhar pro todo nos nossos municípios. Agora temos o direito de conhecer e ter o olhar mais crítico para o SUS em nossos municípios: o que funciona, o que não funciona, o que tem que melhorar – e conseguimos ter esse conhecimento após a vivência no SUS de Curitiba. Até então nós não sabíamos que está relacionado ao SUS estar atento à rede de esgoto, à água, o lixo, como que é feito. [...] uma das coisas que me marcou bastante, que é um problema no meu município, e ali [no VERSUS] eu consegui entender: porque sofremos tanto no interior com a questão das especialidades médicas. No estágio de convivência nós conseguimos compreender como devem ser os encaminhamentos das unidades básicas para as especialidades – e que algumas especialidades devem ser descentralizadas para os municípios pequenos e outras devem ser centralizadas, vai depender da necessidade e do tamanho da população... por isso que às vezes tem de sair de seu município para ser atendido na capital. Essa com-

preensão do funcionamento do SUS, do porquê que algumas coisas têm que funcionar assim, foi muito interessante. É interessante perceber que o que vimos em Curitiba está relacionado com nossa realidade, que a partir da experiência do VERSUS conseguimos analisar como funciona no nosso município. [...] é um dever nosso contribuir para que o SUS funcione direito... durante o VERSUS foi trabalhado muito sobre os Conselhos e as Conferências de Saúde, o estágio foi de grande importância. Acredito que se houver a oportunidade de que o VERSUS tenha esse olhar para os filhos de camponês, para o camponês, que estão se apropriando do conhecimento de haver essas parcerias que levam o conhecimento sobre o SUS, dessa estrutura pública, que de fato não é de conhecimento do usuário. Foi muito rica a experiência do VERSUS, do primeiro ao último dia, perceber essa amplitude que é o SUS foi de grande riqueza pra nós." Sirlene Alves Morais/Nega (Assentamento Guanabara-Imbaú/PR trecho da avaliação do VERSUS/2013)

## EXPERIÊNCIA 5

# ESTÁGIO NA ATER

## VIVÊNCIAS NA ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL

A experiência de estágio curricular no âmbito da PNATER (Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural) surge como ação estratégica do CTMA no contexto de seu Projeto Político-Pedagógico, buscando aglutinar experiências e projetos no contexto das políticas públicas do campo. Como parte das ações da PNSIPCF, o CTMA buscou se aproximar — por meio do estágio na ATER — das ações, programas e projetos voltados ao fortalecimento da produção, da organização e comercialização agrícola familiar, por um lado, até os desafios mais recentes, desde as temáticas da segurança alimentar, da agroecologia, do cooperativismo à recuperação ambiental e aos programas sociais.

Executado nos estados do Ceará e Paraná, e sob a premissa de integrar os conhecimentos adquiridos no percurso formativo dos/as educandos/as e a prática profissional, o Estágio na ATER pôde demonstrar as convergências possíveis para a *promoção da intersectorialidade em saúde*, por meio da articulação de políticas públicas e setores diversos da *educação do campo*. Ao fazer a inserção do CTMA no processo de trabalho das equipes de ATER, podemos dizer, novas possibilidades convergiram para aproximar o *Setor Saúde* do *Setor Técnico-Produtivo*, quer dizer: a *saúde na sua relação com o campo*, com a produção, com os alimentos, com o manejo e as práticas de convivência com a terra. Para o CTMA, estar mergulhado nos processos de trabalho, nas práticas, dilemas e contradições vividas pela *população do campo* é o primeiro passo para esta condição, ou seja, a de integrar a *Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas* com a Política de ATER.



No plano pedagógico, isso possibilitou, por exemplo estabelecer vínculos entre a matriz curricular do Curso (com ênfase em Saúde Ambiental) e as técnicas produtivas (adubação verde e orgânica, pastejo rotacionado, consorciamento de plantas,...); com as práticas de manejo e convivência com o ambiente natural, como as tecnologias sociais (cisternas de placa); com as experiências agroecológicas (quintais produtivos, agroflorestas, canteiros medicinais); com as políticas públicas de comercialização solidária (Programa Nacional de Alimentação Escolar/PNAE, feiras populares), além do conhecimento de novos instrumentos de diagnóstico das condições socioeconômicas, ambientais e de vida das populações assentadas, por meio dos questionários.

É nesta dimensão que se lançam os desafios do CTMA no contexto da intersectorialidade: fortalecer os intercâmbios de políticas públicas, equipes e projetos de assessoria do campo com o setor saúde; incorporar na prática extensionista a temática da saúde ambiental, da promoção de ambientes saudáveis e da vigilância popular em saúde; e discutir com os serviços e unidades de saúde a interlocução necessária junto às equipes de ATER, visando ampliar não só o conceito de saúde, mas a reorganização de ações, serviços e práticas da extensão rural.

Espera-se que o conjunto de sistematizações e experiências que aqui se apresentam possam, de fato, contribuir para pensar novos paradigmas e marcos interpretativos da *saúde do campo*, e, sobretudo, para repensar o sentido e o formato das *operações em saúde* do SUS na sua relação com as políticas públicas do campo.



*“Na reunião e nas visitas domiciliares podemos conhecer um pouco da realidade atual desta comunidade, vemos a carência que os agricultores têm e que solicitam por políticas de convivência no semiárido (área de lazer, água de qualidade, projetos de reforma de casa, cisternas de enxurrada, poço profundo, ampliação de açude), e a continuação da ATER. Foi citada a prática de aguação das lavouras numa parte do Assentamento e que a água do açude é contaminada. No relato de uma moradora, o médico da Vila Carnaúba, que fica ao lado do assentamento e que atende as famílias, no Posto de Saúde da Família (PSF), diz que todos os exames dão contaminados e também dá a entender que é das águas dos arredores, pois a adutora não é a única fonte, a água da adutora é do cacimbão que pode estar poluída, pois a contaminação está no lençol freático. E abastece a Vila e o Assentamento, e não existe nenhum tipo de prestação de contas por parte da organização (SISAR) e não tem tratamento na água e ainda é salobra.”* Maria Jociclea Braga (Turma Raízes da Terra, trecho retirado Relatório de Estágio na ATER)

*“A oficina de homeopatia foi para saber o que podemos fazer em certos momentos – quando está difícil no dia a dia. Na aula foram feitos três tipos de remédios pra ter uma noção do que é e para que serve. Foi uma aula na prática que tirou muitas dúvidas que eu tinha quando falavam de homeopatia.”* Adenilson Escongisk e Thiago Gonçalves (Turma Josué de Castro, trecho retirado do Relatório de Estágio na ATER)

*“Estivemos no lote de seu João Maria Veloso onde o técnico Roberto nos explicou a atividade – a ser realizada – que foi a continuação da implantação de um SAF. Após a apresentação, juntamente com o técnico Leonardo – responsável pela implantação do SAF – nos dirigimos para o local. Ele nos orientou para realizarmos as seguintes tarefas: enquanto alguns iam capinando e roçando o local, outros foram fazendo covas e abrindo pequenas valetas para a plantação de mudas de banana, sementes de café, algumas sementes da família da cucurbitácea, amendoim, mandioca e algumas verduras. Entre meio algumas mudas de árvores, que já estavam plantadas, com a distância média de uma para outra de um metro, com entrelinhas de quatro metros de distância uma da outra. Nessas entrelinhas, foi feito o consorciamento de várias plantas.”*

*Rogério Trento (Turma Josué de Castro, trecho retirado Relatório de Estágio da ATER)*

*“A prática das aplicações dos diagnósticos em cada casa e a vivência junto à assistência técnica foram de grande aprendizagem para a formação do Curso – pois ali pude ver de perto as realidades de vida daqueles agricultore/as e o que realmente tinham de potencial e dificuldades. A falta de políticas públicas é comum em todas as localidades, só que existe assentamentos mais carentes. Apesar de estar enfrentando 2 anos de secas seguidas, a água é ainda um bem em abundância em alguns assentamentos aqui do município, e já outros sofrem com a escassez e falta de saneamento básico, a falta de educação para jovens e adultos, a falta de informação em questões de projetos e inadimplências.”* Maria Raniele Alves de Sousa (Turma Raízes da Terra, trecho retirado Relatório de Estágio da ATER)



## EXPERIÊNCIA 6

# TENDA JOSUÉ DE CASTRO

A *Tenda Josué de Castro* constituiu-se a partir do pensamento e das ações de Josué de Castro e de Paulo Freire — e é inspirada na *Tenda Paulo Freire*, “*espaço de diálogo de movimentos e práticas de educação popular e saúde em diferentes eventos do Brasil, idealizada pelos Coletivos de Educação Popular e Saúde*”.

Seu diferencial está em propiciar o diálogo e a construção coletiva, estimulando a participação de diferentes atores na perspectiva do conhecimento, política e ação para efetivação da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA).

A *Tenda Josué de Castro* é uma homenagem a um dos precursores do debate sobre Fome e Segurança Alimentar e Nutricional no Brasil e no mundo. Seu trabalho científico foi marcado pela interdisciplinaridade e o tema da fome foi sua principal e corajosa escolha. Além da fome, também estudou questões de interesse global como o meio ambiente, o subdesenvolvimento e a paz.

Isso colaborou para que o Brasil se tornasse uma referência quanto à Segurança Alimentar e Nutricional e quanto ao Direito Humano à Alimentação Adequada. Esta construção, no entanto, só foi possível com a articulação entre diferentes setores da sociedade civil:

Movimentos Sociais, ONGS, Universidades, Instituições Públicas e privadas.

Em diálogo com Ramos e colaboradores, 2013, a continuidade deste processo de articulação, então, foi fundamental para viabilizar os avanços que se conquistou, dentre eles: os Conselhos de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEAs Nacional, Estaduais e Municipais), as Conferências de Segurança Alimentar e Nutricional, a Emenda Constitucional 64/2010 que inclui o direito à alimentação no art 6º e que trata dos direitos sociais e o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional — bem como o aprofundamento do debate sobre as diferentes expressões da fome no Brasil e a garantia do direito de todos a uma alimentação adequada, saudável, sustentável e com soberania alimentar.

Em maio de 2010, durante a realização do XXI Congresso Brasileiro de Nutrição/XXI CONBRAN, aconteceu a primeira edição da *Tenda Josué de Castro* que, naquele momento, buscava se constituir em *um espaço que possibilitasse e estimulasse a participação dos diferentes atores sociais, que em congressos com caráter estritamente acadêmico, ficaram à margem da discussão*. Sua proposta repercutiu de forma intensa e positiva, passando a se projetar a partir dali em outros espaços, eventos e situações, tais como seminários de agroecologia, conferências de segurança alimentar e nutricional, eventos de nutrição em diferentes cursos de Nutrição pertencentes tanto a universidades públicas quanto particulares, e ainda eventos da sociedade civil como Pastoral da Saúde e MST.

## FORMAÇÃO POLÍTICA, PROFISSIONAL E CIENTÍFICA

A proposta de realização da *Tenda Josué de Castro* durante o Estágio de Vivências do Curso Técnico em Meio Ambiente/CTMA teve a intenção de aproximar a Turma *Josué de Castro* de seu homenageado, tornando a *Tenda* um espaço ampliado de diálogo, com a organização de atividades em formato de roda de conversa. Foi, assim, desenvolvida a partir de uma adaptação das ideias nascidas na pedagogia freireana, mais especificamente os *círculos de cultura*.

Seu objetivo foi proporcionar, durante a realização do Estágio de Vivências no SUS do CTMA, um espaço de diálogo e construção coletiva na perspectiva do conhecimento, política e ação, homenageando Josué de Castro, patrono da Turma.

Neste sentido, foram organizados na *Tenda Josué de Castro* diferentes momentos de debates durante o estágio de vivências, muitos dos quais realizados a partir das situações observadas no cotidiano das instituições de saúde e ambiente do município de Curitiba, cidade onde o mesmo estava sendo realizado. Também foram realizadas rodas de conversa com profissionais de saúde, professores/as universitários, representantes de movimentos sociais, sobre temas relacionados ao estágio, dos quais destacamos a seguir:

- Roda de conversa sobre as *Tendas de Saúde* enquanto espaço de diálogo de saberes na construção do SUS: construindo a *Tenda Josué de Castro*;
- Roda de conversa sobre a Atenção Primária em Saúde;
- Roda de conversa sobre Josué de Castro;
- Roda de conversa sobre Saúde do Trabalhador;
- Roda de Conversa sobre Saúde Mental e a luta antimanicomial;
- Roda de Conversa com Movimentos Sociais de Catadores de Materiais Recicláveis;
- Fórum Uso e Impactos de Agrotóxicos no Paraná.



Um dos debates mais importantes no processo da *Tenda Josué de Castro* no contexto do CTMA foi sobre a temática dos agrotóxicos e sua relação com a *Saúde Ambiental*, a segurança alimentar e nutricional e a soberania alimentar: viu-se que este era o principal problema de saúde ambiental nos *territórios* pesquisados dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Naquele momento, diferentes estudiosos/as e militantes contra os agrotóxicos apresentaram suas considerações que estimularam os/a estudantes de Meio Ambiente a aprofundarem seus estudos e pesquisas sobre o tema. Tão intensa foi esta imersão que o uso de agrotóxicos foi levantado pelos/as então estudantes como o principal problema de *Saúde Ambiental* identificado nos *territórios* em que realizaram seus Trabalhos de Conclusão do Curso/TCC's.

Durante o transcurso da primeira edição da *Tenda Josué de Castro* junto ao CTMA, foi proposta outra edição da mesma por ocasião da 12ª *Jornada de Agroecologia*.



## PARTICIPAÇÃO NA XIII JORNADA DE AGROECOLOGIA

As *Jornadas de Agroecologia* são uma ação inédita e popular de caráter massivo/denúncia/contraponto ao agronegócio, bem como de estudo, e socialização da prática e da experiência agroecológica e camponesa.

Segundo o MST, foram organizadas a partir de 2002, no estado do Paraná, a partir de uma ampla coalizão de Movimentos Sociais do Campo, Organizações da Agricultura Familiar e de assessoria técnica e política. Realizadas ao longo de mais de uma década, os encontros anuais passaram a representar a síntese do processo de construção da agroecologia e embate ao agronegócio, consolidando-se como uma escola popular e camponesa permanente, renovada ao longo de cada ano nos *territórios* camponeses, atingindo seu auge nos quatro (4) dias de encontro anual.

Com uma programação abrangente, composta de conferências, assembleias da juventude, vídeos, seminários e oficinas e programações culturais

como as *Jornadas Socialistas* e as *Noites Culturais*, as *Jornadas de Agroecologia* são espaços importantes de afirmação do projeto popular de produção agroecológica, dos avanços da transição agroecológica no país e dos desafios relacionados ao avanço do agronegócio em suas diferentes faces.

A experiência da *Tenda Josué de Castro* na *12ª Jornada de Agroecologia* foi uma construção da turma *Josué de Castro* do CTMA e do Coletivo do Setor de Saúde do MST no Paraná — passo importante para a integração dos/as futuros/as profissionais ao Setor de Saúde. Esta aproximação despertou nos/as estudantes um pertencimento a este Coletivo, ao mesmo tempo em que potencializou o debate da Saúde Ambiental e da Agroecologia no interior do Setor.

Nesse processo, destacamos como exemplo das atividades desenvolvidas a Oficina *Alimentando a Saúde*, a qual constituiu-se de forma teórico-prática a partir do debate sobre o alimento enquanto direito e mercadoria, construindo uma reflexão sobre os alimentos que causam doenças e os que promovem nossa saúde. Houve preparação



e degustação de suco verde e sal temperado natural através de oficinas práticas de suco verde, brotos e alimentos germinados. Foi coordenada pela educadora Etel Matielo e pelo estudante Adenilson Escongisk.

A Oficina *Água: Mercadoria ou Direito à Saúde?*, por sua vez, buscou a reflexão coletiva sobre a mercantilização dos recursos hídricos, sobre a mercantilização dos ecossistemas, impulsionados pelo agronegócio e pelo hidronegócio, e seus impactos à *Saúde Ambiental*. Destaque-se, nesse sentido, a organização e mobilização sociais e gestão comunitária das águas e a promoção dos territórios camponeses e das comunidades tradicionais. Esta oficina foi coordenada pelo Educador Alexandre Pessoa e pelos/as estudantes Maria Líria Ribeiro Rocha e Edilson Antônio Fagundes da Costa da Turma *Josué de Castro*.

*“A Jornada de Agroecologia ampliou a visão da Turma dentro do projeto político do modelo de produção agroecológica, assim como contribuiu para uma visão mais ampla do MST em relação à organicidade e suas dimensões, fortalecendo a autoestima, a identidade e pertença da Turma. Foi uma experiência nova para muitos educandos que ainda não tinham vivenciado outros espaços de formação do MST além dos acampamentos, assentamentos e atividades locais de formação. A participação na Jornada possibilitou, especialmente nos momentos das plenárias, conhecimento técnico e político sobre as desafios enfrentadas pelo modelo de produção agroecológico e a construção de um modelo popular de Reforma Agrária.*

*Espaços como a Tenda Josué de Castro, construídos de forma participativa e em formato de rodas de conversa, possibilitam um maior debate e interação entre seus participantes. Contribuíram também para reflexão sobre a Educação Popular e Saúde enquanto método de trabalho educativo que possibilita ampliar a reflexão crítica de educandos e educadores a partir de um processo baseado na Ação-Reflexão e para a construção de estratégias que possibilitem o enfrentamento às desigualdades produzidas no campo, especialmente na relação Saúde e Ambiente.*

*Percebe-se com esta experiência das duas edições da Tenda Josué de Castro um encantamento por parte dos estudantes sobre a temática da Agroecologia e da Soberania Alimentar e a integração destes saberes com a Saúde Ambiental. Espaços como estes, construídos a partir do protagonismo da juventude, contribuem para a reafirmação da necessidade de construção de um saber científico crítico, engajado, reflexivo que contribua com os processos de superação da desigualdade e contribua para a preservação da natureza.”*

*Etel Matielo (nutricionista, integrante da CPP-PR)*

## EXPERIÊNCIA 7

# DONA MARIA DA ILHA

*Tudo que os livros me ensinassem  
Os espinheiros já me ensinaram.  
Tudo que nos livros  
Eu aprendesse  
Nas fontes eu aprendera.  
O saber não vem das fontes?  
Manoel de Barros*



Sistematizar as pesquisas de campo relativas aos Trabalhos de Conclusão de Curso/TCC's foi um grande aprendizado, inclusive para a Coordenação Político-Pedagógica/ CPP.

Oscar Holliday nos alerta que sistematizar é “(...) *por em ordem conhecimentos desordenados e percepções dispersas que surgiram no transcorrer da experiência. Ao sistematizar, as pessoas recuperam o que ainda não sabem sobre ela, mas também revela-se o que ainda não sabiam que já sabiam*”.

Dialogando com Holliday, temos do educador de leitura e escrita do CTMA Marcos Guhrke, sobre o processo vivido junto à Turma *Josué de Castro*, que: “*o escrever é uma atividade de organização do pensamento. Por que a gente tinha dificuldade de colocar no papel? Porque o ato de escrever é um ato de organizar o pensamento – às vezes o pensamento não está com essa organização, e a leitura vai alimentar essa ação*”.

Um relato bonito de contar é o do processo de sistematização da educanda Maria dos Anjos, conhecida como Maria da Ilha, da Turma *Raízes da Terra/CE*, orientada pela educadora Idalice Barbosa, que nos faz refletir sobre as reais necessidades e exigências de um Projeto Político-Pedagógico voltado às populações do campo.

A prof<sup>a</sup>. Idalice, ao se sensibilizar com a história de vida e dedicação aos estudos de D. Maria da Ilha – vinda que era como militante do Movimento dos Atingidos por Barragens em Tocantins –, *assim se expressa*:

*“Durante minha convivência com os alunos e alunas do Curso por ocasião da aula que fui ministrar, conheci a Maria da Ilha. Ao conversar com ela percebi dificuldades em acompanhar as atividades pedagógicas que são exigidas aos alunos do Curso.*

*Maria tem uma história muito interessante em termos de cidadania e participação. É uma liderança Nacional integrada ao Movimento dos Atingidos por Barragens/MAB, tendo empreendido importantes lutas e alcançado importantes conquistas junto ao Movimento, sempre assumindo uma postura ética e de solidariedade.*

*Em sua comunidade, assume vários papéis de destaque social, se fazendo referência para resolver problemas relacionados à saúde, educação, cultura e até conflitos conjugais. Possui grande competência como liderança capaz de dialogar e negociar com êxito em diversas formas de conflito social, de políticos a conjugais.*

*Maria não teve acesso à escolarização e sua capacidade de liderança foi aprendida com sua inteligência, dedicação à comunidade e vontade de aprender. Cursou um ensino supletivo em que aprendeu a decodificar palavras e ler frases simples, somente por dois anos. Pela sua inteligência e grande conhecimento da*

*vida social, ela compreende com profundidade o significado e a função do Técnico em Meio Ambiente, pois sempre atuou nesse sentido como liderança.*

*Porém, quando comecei a acompanhar pedagogicamente os trabalhos da Maria, percebi sua dificuldade em sair da linguagem oral para escrita. Tem grande habilidade em formular análises sociais utilizando a linguagem oral, porém não consegue isso com a escrita.*

*Eu me propus, então, a colaborar com os trabalhos escritos de Maria – e, juntas, iniciamos um trabalho de colocar na linguagem escrita sua história de vida, que tem muito das habilidades que são exigidas de um Técnico em Meio Ambiente. Assim, começamos a conversar e partir da linguagem oral para a escrita, praticando o que ela aprendeu com as letras.*

*[...] Maria é uma aprendiz da vida, sempre! Ela aprende fácil, se dedica e segue em frente. Como muitos, neste país, Maria frequentou uma escola que não ensina. O maior dos crimes cometidos contra o povo brasileiro: oferecer ensino sem qualidade. Mas ela está superando e se esforçando para vencer mais essa injustiça.*

*A cada pedaço de sua história, eu falava para ela o significado das palavras, dos verbos,*

*dos tempos verbais, dos substantivos e dos plurais. Ela aprendeu rápido. Foram momentos de risos, emoção, alegria de aprender e felicidade em ensinar.*

*E foi isso que Maria fez: aprendeu! Aprendeu a ler e a rever sua história com coragem. A cada lembrança, pausa, emoção em cada pedaço vivido de sua história, choramos juntas. A cada ‘causo’, risos, gargalhadas, nos alegrávamos juntas. A cada fato, reflexão, aprendemos mais sobre a vida do povo neste país, sobre a injustiça e mesquinha dos donos de grandes capitais.*

*A cada reencontro ela avançava muito na escrita e na leitura. Parabéns, Maria. Como eu disse, uma mulher que sabe fazer tantas coisas importantes por si e pelo seu povo, deve saber ler e escrever. E foi isso que Maria fez.*

*Ela quer ser Técnica em Meio Ambiente – mas isso, Maria, você sempre foi! O seu ambiente e o seu modo de vida foi defendido e cuidado por você da forma mais corajosa possível. Claro, aprendeu muito mais no Curso, tanto que escreveu um capítulo do trabalho só para registrar o que já coloca em prática desse novo aprendizado. Receba o diploma com orgulho, porque é merecido!”*

*Profa. Idalice Barbosa (Educadora do CTMA/Psicóloga/Orientadora de D.Maria da Ilha)*

## EXPERIÊNCIA 8

# A CIRANDA INFANTIL GIRASSOL



“O processo de se pensar e organizar a Educação Infantil dentro do movimento decorre a partir de 1987, onde o Setor de Educação deve sua criação em um grande Encontro Nacional com todos os representantes de cada estado onde o Movimento Sem Terra já tinha atuação. Ainda naquele período, a grande preocupação do Setor era a implantação de escolas dentro das áreas já conquistadas, assentamentos, visando um trabalho de construção coletiva do projeto pedagógico. A questão refletida naquele período era que escola que se queria e que se quer construir. Assim, no período de 1989 a 1994, o Setor de Educação teve um grande avanço organizativo e de elaboração pedagógica, surgindo assim duas novas frentes de atuação no Setor: uma na área de Alfabetização de Jovens e Adultos, e a segunda nas chamadas creches, as quais envolviam as mães e as crianças de 0 a 6 anos. Neste período tinha um apontamento muito grande da dificuldade da inserção das mulheres no trabalho produtivo e organizativo dentro do acampamento e assentamento — e sem que houvesse nenhuma alternativa para a questão dos cuidados com as crianças menores.

[...] Em 1996 cria-se a primeira palavra de ordem para expressar esse olhar para as crianças de 0 a 6 anos como meio de provocação para discussão. A partir daí cria-se a comissão de Educação Infantil, que tem a tarefa de planejar e pensar os processos de organicidade e a formação dos educadores, também decorre a feliz ideia de chamar todo processo que já estava acontecendo com as creches e pré-escolas nos assentamentos de *Ciranda Infantil*. A *Ciranda Infantil* dá à ideia de movimento, que todo o movimento dirija o olhar para esse campo, que seja responsabilidade organizativa do processo educativo, o qual voltado para a infância das crianças, diferentes espaços/situações vivenciadas, em que as mesmas se deparem dentro desse movimento social, com garantia de seus direitos enquanto afetado brinqueado, condições de saúde, higiene, liberdade e segurança. Quando idealiza-

mos a *Ciranda Infantil*, pensamos, em primeiro lugar em contemplar e garantir aos pequenos como sujeitos de direitos em todos os processos desencadeados, seja no convívio familiar, nos espaços da comunidade, como também nos espaços da *Ciranda* propriamente ditos. Desencadear um processo para que a prioridade não seja estabelecer horários para tudo, o que se quer é uma *Ciranda* em que a criança tem direito de agir, que oportunize a descoberta, a imaginação, o experimento, a busca por desafios, um espaço que seja agradável, afetuoso, seguro, [onde a criança possa se sentir] amada, atendida e com liberdade. Que assim seja construídas relações consigo mesma, diferentes formas de expressão, que sejam cultivados valores como o amor, a responsabilidade e a solidariedade com os outros.

[...] A proposta de *Ciranda Infantil* surge para garantir um espaço de direitos da criança da primeira infância nos espaços onde o MST está, tanto em uma *Ciranda* itinerante como permanente. A experiência da *Ciranda Infantil Girassol*, localizada no Centro de Desenvolvimento Sustentável de Capacitação em Agroecologia/CEAGRO, ao longo do CTMA, foi estratégica, pois o Curso tinha uma grande demanda de crianças, filhos e filhas de educandas.

Na segunda etapa desse curso, o CEAGRO fez uma parceria com o Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak, o mesmo tem como oferta na instituição o Curso de Formação de Docente, onde já se tem um processo de futuros educadores que estão em formação para atuar nas diferentes áreas de nossos acampamentos e assenta-

*As crianças da Turma dos Técnicos em Meio Ambiente nos deixaram legados tão importantes, nos fizeram amadurecer em muitos pontos. Foi a partir dessa incrível experiência que hoje a Ciranda se encontra em discussão e qualidade jamais vista no Centro – e que isso se reflete não somente no espaço onde estamos, mas também como exemplo para outras Cirandas.*

mentos. Esta parceria se consolida com a vinda de grupos de educadores/as do Curso de Formação de Docente para estar contribuindo com a *Ciranda Infantil* no CEAGRO.

[...] Construimos uma rotina [horários] das crianças, planejamentos [de atividades] da *Ciranda* e organização para noites de estudos [do histórico das *Cirandas Infantis*, à concepção de infância para o Movimento Sem Terra, a importância da formação dos educadores dessa área, os direitos das crianças] junto ao coordenador pedagógico do CEAGRO, da frente da área de educação infantil do estado e da frente de saúde. [...] Uma das primeiras ações do grupo a partir do planejamento era o cuidado com o espaço físico; foi dessa maneira que se procurou ajuda com a Escola Municipal Herbert de Souza e a coordenadora de estágio supervisionado do nosso Curso, para dar algumas ideias do que poderia ser feito para tornar o espaço mais com cara de criança, cara de *Ciranda* [...].

[...] O planejamento era dividido por temas geradores, estes temas na maioria das vezes se interligavam com algum tema que a turma [do CTMA] estava estudando na sala de aula, e também inserindo temas que achávamos importantes de trabalhar – a cada dia da semana tinha um tema: trabalhávamos a agroecologia, meio ambiente, a história do Movimento Sem Terra, o corpo humano, a saúde e higiene do corpo e do espaço entre outros temas.

O planejamento era dividido em etapas, de início com a recepção das crianças, seguia o preparo das refeições das crianças e depois a limpeza – tanto pela manhã quanto à tarde. Após a atividade da higiene das crianças – que implicava em conversa diária da importância de lavar as mãos antes das refeições, depois de utilizar o banheiro, de levá-



-las ao banheiro ou trocar a fralda, e de dar água — aconteciam as atividades pedagógicas, que eram momentos de brincadeiras no espaço interno e externo, sempre escolhendo e pesquisando jogos, brincadeiras, cantigas e contação de histórias que se enquadrassem com o tema e objetivos que queríamos para aquele momento. Os momentos de descanso foi um trabalho muito intenso de adaptação na rotina das crianças. [...] Construímos espaços semanais de avaliação junto aos pais, as avaliações ajudavam a pensar em experiências novas que propiciassem capacitação para os educadores e também para as crianças.

[...] A *Ciranda* teve grandes pontos positivos, isso decorrente do processo de evolução que foi acontecendo a partir do diálogo dos educadores com os pais e a coordenação pedagógica do Centro (CEAGRO), o que foi um auge para todos, pois os pais conseguiam estudar com mais tranquilidade, pois estavam cientes que seus filhos estavam sendo bem cuidados— e o Centro que também se tranquilizou por estar dando conta de uma atividade que era proposta do espaço a Turma.

(...) As crianças da Turma dos Técnicos em Meio Ambiente nos deixaram legados tão importantes, nos fizeram amadurecer em muitos pontos.

Foi a partir dessa incrível experiência que hoje a *Ciranda* se encontra um discussão e qualidade jamais vista no Centro — e que isso se reflete não somente no espaço onde estamos, mas também como exemplo para outras *Cirandas*. Os/as educadores/as tiveram uma carga de conhecimento tão grande, tanto na sua prática de formação — que contribuiu para analisarmos vários espaços de educação dentro de nosso assentamento a partir das vivências e aprendizados aqui conquistados — quanto para a vida.”

*(trecho do Relatório da Ciranda Girassol, elaborado por educadoras/es do MST: Jailson, Davi, Ezequiel, Claudemir, Lucas, David, Julio, Léo, Luana, Deise, Patricia, Ana Claudia, Fatima, Magdaliz, Maristela, Silvia, Kelly, Angiela, Veridiana, Joab, Marcia, Elianara, Tainara, Jeremias, Anderson, Bruna, Andreia, Gislene, Roselaine, Rosana, Gabrieli)*

## SÍNTESE

Iniciamos o fascículo *Produção de Saber* no diálogo com o *Saber Ambiental* para adentrarmos na diversidade de *Experiências* do CTMA — e chegarmos agora aos *saberes territoriais*, como assim temos denominado o processo de produção de conhecimento do *Método Pedagógico do CTMA*, cuja perspectiva analítica, crítica e sensível pode ser compreendida como uma alternativa de apreensão da *complexidade ambiental* em uma formação profissionalizante técnica, cujos eixos integrados e indissociáveis território/trabalho/ambiente/educação são centrais em sua constituição.

Aqui compreendemos o quão o *diálogo de saberes* presentes nas cartografias sociais, caravanas territoriais, estudos de caso e estágios se fez fundamental enquanto estratégia interdisciplinar da promoção da *educação em saúde do campo*. E quando falamos em *diálogo*, tratamos do encontro de saberes populares, científicos, técnicos e políticos que a categoria *território* do *Método do CTMA* possibilitou enquanto diagnósticos de *conflitividades, denúncias e anúncios* em diferentes dimensões relacionadas às *condições de vida e saúde* de assentamentos de Reforma Agrária e comunidades tradicionais.

No desafio da construção curricular de um novo profissional da saúde *Técnico/a em Meio Ambiente com Ênfase e Saúde Ambiental das Populações do Campo*, a proposta de integração de grandes áreas do conhecimento — agroecologia, saneamento ecológico, saúde — foi um direcionamento à prática da *intersetorialidade*.

Tal compreensão da indissociabilidade das formas de produção de vida e saúde pode ser vislumbrada nas *Cartas Finais* ao CTMA dos Técnicos/as em Meio Ambiente e, mesmo, da CPP presentes ao longo dos *Fascículos*. É quando a teia de relações *soberania alimentar, habitação saudável, políticas públicas de saúde, história e identidade camponesa* existentes nos conteúdos programáticos faz *sentido* à vida e possibilita ou-

tras compreensões da *relação com os territórios* de origem. Tanto é assim que eles/elas se dizem enquanto *seres formadores de consciência, elos de ligação, mobilizador es/as sociais e responsáveis pelo território*.

Esses/as Técnicos/as, junto às organizações comunitárias, cooperativas ou setores, exercitam o *poder em saúde* na sua relação com a terra, as águas, os mares e as florestas — a partir da *socio-biodiversidade* local em diálogo com as *tecnologias sociais* e a *produção agroecológica* das *unidades de produção familiares*. Aliar o *poder em saúde* à *educação em saúde do campo* das *juventudes rurais*, como temos descrito, é um caminho à *preservação da herança e cultura camponesas* — ainda mais num contexto de *invisibilização social* em que esse segmento se encontra.

A *vontade de saber*, a *vontade de poder*, o *poder no saber* e o *querer saber* dos/as Técnicos/as afirmam também que é possível uma formação técnica profissionalizante das *juventudes do campo* que reconheça e potencialize as formas de viver e produzir saúde da cultura camponesa. Para tanto, o *território* foi o eixo estruturante das inter-relações e a categoria metodológica de pesquisa e ensino que possibilitou a construção de *saberes territoriais* fundamentais na compreensão da saúde enquanto produção social.

Assim as *experiências* de *caravanas territoriais* e *estudo de caso* possibilitaram a apreensão da história de luta e resistência das *populações do campo* e da construção de *alternativas ao desenvolvimento* dos processos de *transição agroecológica e saneamento ecológico* em diversos contextos de *conflitos socioambientais* no Ceará e no Paraná. Já os *estudos de caso* e os *estágios* do VERSUS e ATER avançaram no campo de atuação do *Técnico/a* do CTMA com vistas a uma *vigilância popular em saúde do campo* — ou seja, nessa intercessão de formas instituídas. Se a vivência no interior da estrutura organizativa do SUS nas cidades de Curitiba e Fortaleza

possibilitou aos/às Técnicos/as compreensão dos limites e potencialidades de seu funcionamento em assentamentos e comunidades rurais, o estágio na ATER retroalimentou a integração saúde e produção a partir da prática — com a inserção dos/as educandos/as em equipes de trabalho. A convergência PNATER e PNSIPCF delineia um importante caminho de promoção da *saúde ambiental* das populações do campo.

Nessa costura final, damos o nó do potencial criativo que permeou a construção da Tenda *Josué de Castro*, os Trabalhos de Conclusão de Curso/TCCs e propriamente do *Fascículo 5* que revelou o protagonismo das *juventudes rurais* na *Produção do Saber* — inspiração para novas experiências que virão...

De modo que, ao fecharmos esse *Fascículo* e o processo de sistematização do CTMA, possamos ter, mais do que os *frutos* de toda essa experiência — entrevistados nos *fascículos* anteriores que trataram do *Curso, da Gestão, da(s) Metodologia(s) e da Relação com os Territórios* —, *sementes* que possam, a partir desse novo sujeito social, *o/a Técnico em Meio Ambiente com ênfase em Saúde Ambiental das Populações do Campo*, frutificar mediante condições objetivas, e subjetivas, da luta, da organização e do trabalho das classes trabalhadoras no Brasil.

- » Promover formações técnicas profissionalizantes em saúde e ambiente às *juventudes rurais* é estratégico no processo de construção do SUS coerente com um projeto de *saúde do campo*, ou seja, com os pressupostos, princípios e diretrizes da PNSIPCF. As *experiências* apresentadas delineiam processos metodológicos inovadores a exemplo da versão *VER-SUS das populações do campo*. O direito e acesso ao conhecimento a partir das vivências e estágios possibilitaram aos Técnicos/as aprofundar os *diagnósticos das condições de vida e saúde* em nível de comunidades, assentamentos e municípios. Reconhecemos que tais práticas pedagógicas promovem o fortalecimento da luta por garantia de direitos fundamentais como o acesso aos serviços públicos de saúde. Se saúde é *a capacidade de lutar contra tudo que nos oprime*, compreendemos que a *educação do campo* é um caminho de promoção da saúde de comunidades ribeirinhas, pesqueiras, campesinas.
- » Assim como a saúde, *educação é um direito fundamental*. O SUS deve ocupar as escolas do campo também na perspectiva de enfrentar o fechamento de escolas em comunidades rurais (ver *Fascículo 2*), proporcionando a oferta de formação técnica em saúde. A educação contextualizada é condição estruturante para a promoção da *saúde do campo*.
- » As experiências pedagógicas de integração curricular das *caravanas territoriais* e *estudo de caso* trouxeram à tona o impacto de grandes empreendimentos à saúde — expansão das fronteiras de fruticultura de irrigação na Chapada do Apodi/CE/RN, dos monocultivos de soja e milho no município de Cascavel/Oeste do PR, do complexo de torres de energia eólica na Zona Costeira de Itapipoca/CE. Trazer a dimensão dos conflitos ambientais desvelou a amplitude dos contextos de vulnerabilidade socioambientais nos territórios dos/as educandos/as, como bem descrito no *Fascículo 4*, e revelou a importância da pesquisa e sistematização.
- » As *experiências* relatadas neste *Fascículo* só se constituíram a partir de uma rede de organizações e entidades colaboradoras na construção e condução de cada uma delas, cujo mapa (dessa teia) se encontra no *Fascículo 2*. Trazemos à luz o papel da articulação, mobilização e colaboração dessa rede na promoção da *educação e saúde do campo*.